



FAD

ano V . # 22

DOUGLAS CLEMENTE

IGORYERMAKOV

ANTON KOLIG

TRIP RICHARDS

PIERCING GENITAL

FALO® é uma publicação bimestral.
maio 2022.
ISSN 2675-018X
versão 20.05.22

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Uncut*, aquarela de Douglas Clemente, 2017.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



COLAB55

Sumário

Douglas Clemente

6

Igor Yermakov

18

FALO DE HISTÓRIA
Anton Kolig

30

FALO EM FOCO

45

ESPECIAL
Uma viagem com Trip

46

FALORRAGIA
Enfeitando o pavão (com agulha)!

54

FALÓFORO

74

BIBLIÓFALO
A nudez na escultura funerária

76

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

80

FALO com VOCÊ

82

moNUmento

85

COMPRA AQUI

Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

O isolamento social imposto pela pandemia mundial fez com que muitos acreditassem que a humanidade enfrentaria essa adversidade de forma coletiva e solidária, que seríamos melhores. Porém, ainda estamos retornando às atividades cotidianas e já nos envolvemos em guerras mundiais e político-sociais. Da mesma forma que falam do conflito na Ucrânia com a Rússia como um embate entre “nações irmãs”, vemos a “comunidade” LGBTQIA+ atacando a si própria em casos de ódio e suicídio, provando que pouco aprendemos (e tenho dúvidas se vamos aprender).

A revista já estava se desenhando e muitas coisas já estavam fechadas – como a capa com as aquarelas de Douglas Clemente e a presença de Anton Kolig na seção Falo de História. Todavia, senti imensa necessidade de refletir esse mundo nestas páginas.

Em março, o ativista trans Paulo “Popo” Vaz foi encontrado morto. As causas ainda estão sendo mantidas em sigilo, entretanto, as redes sociais já revelaram que Paulo tirou a própria vida em um caso de transfobia falocêntrica perpetrada pela “comunidade”^{*} LGBTQIA+. Fiquei tão transtornado com isso que comecei a questionar a própria Falo. Entendi que precisava novamente abrir esse espaço para ampliar as noções de masculinidade e gênero. Convidei, então, um ator pornô trans – que enfrenta constantemente o ódio virtual, especialmente de gays – para uma entrevista imperdível. Obrigado, Trip, por sua generosidade com a Falo.

Também em março, a guerra na Ucrânia completou 1 mês. A destruição de teatros, museus e escolas me chamou a atenção: nunca tinha visto essa estratégia de eliminação cultural fora das páginas de um livro de História sobre colonização. Entendi que precisava abrir esse espaço para garantir algum registro da produção artística local. Convidei, então, um fotógrafo ucraniano – que eu estava acompanhando suas noites de vigília nas ruas de Kyiv^{**} – para mostrar seu trabalho. Força, Igor! Mantenha-se a salvo!

^{*} A palavra comunidade será usada entre aspas porque uma comunidade de verdade não se ataca.

^{**} Aqui será Kyiv, forma escrita da capital ucraniana na língua local e não na forma ocidental/russa.

Esse caos todo também desceu sobre a Falo: causou o cancelamento definitivo da coluna Falo do Outro e colocou em risco outras colunas. A revista é prioridade minha e não de alguns dos colaboradores envolvidos. Quem tem prazo sou eu. Quem tem responsabilidade sou eu.

Isso não impossibilitou a produção de mais uma edição com a qualidade de sempre, com a participação de leitores/seguidores (no artigo sobre piercing genital e na seção moNUmento) e com a análise de um artigo (ao invés de um livro) na seção Bibliófaló. Falando nisso, nos últimos meses, a Falo vem sendo estudada como produção historiográfica dentro de uma universidade! Essa vai pra quem ainda acha que a revista não é acadêmica! Ha!

Costumo dizer que é difícil a gente mudar o mundo todo, mas podemos mudar o mundo ao nosso redor. É isso que tento fazer com a Falo.

Escolhi o óleo *A dança* (1909/1910), de Matisse, para ilustrar esse editorial como uma comunhão de pessoas aparentemente sem gênero. Ninguém solta a mão de ninguém.

Sejamos melhores.

Filipe Chagas, editor





Douglas Clemente

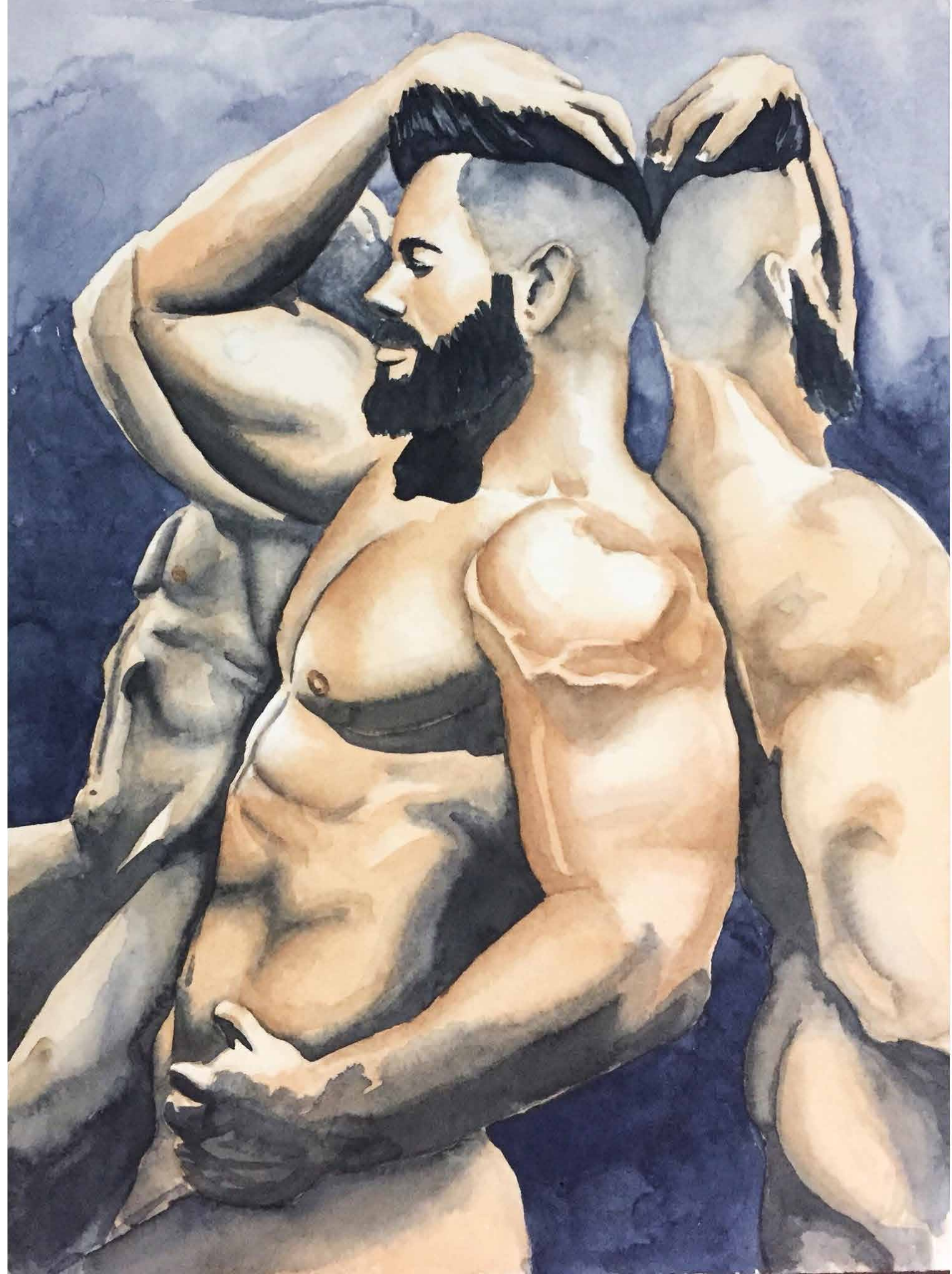
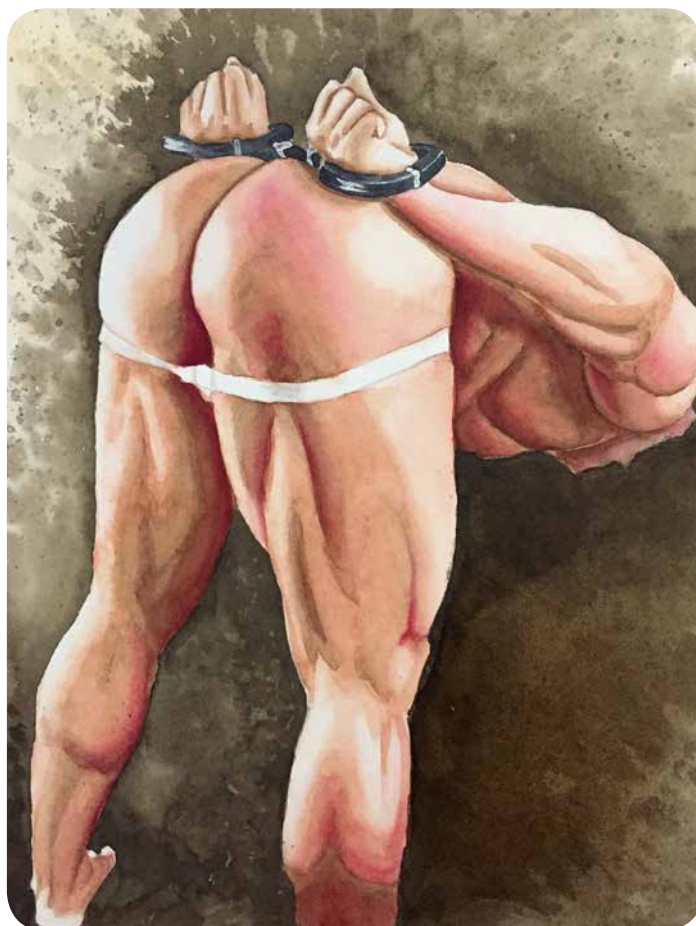
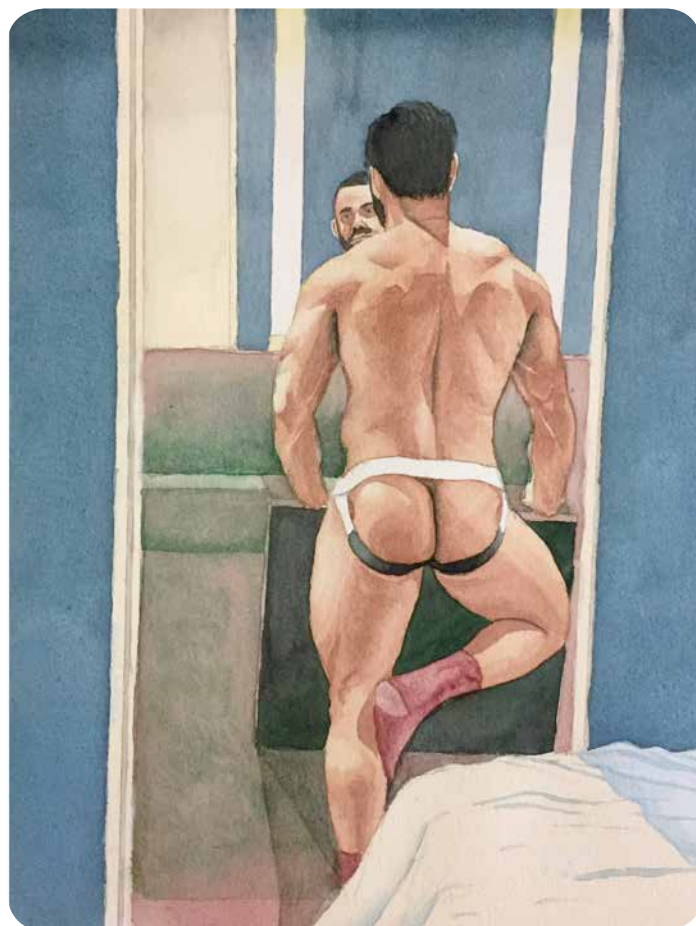
por Filipe Chagas

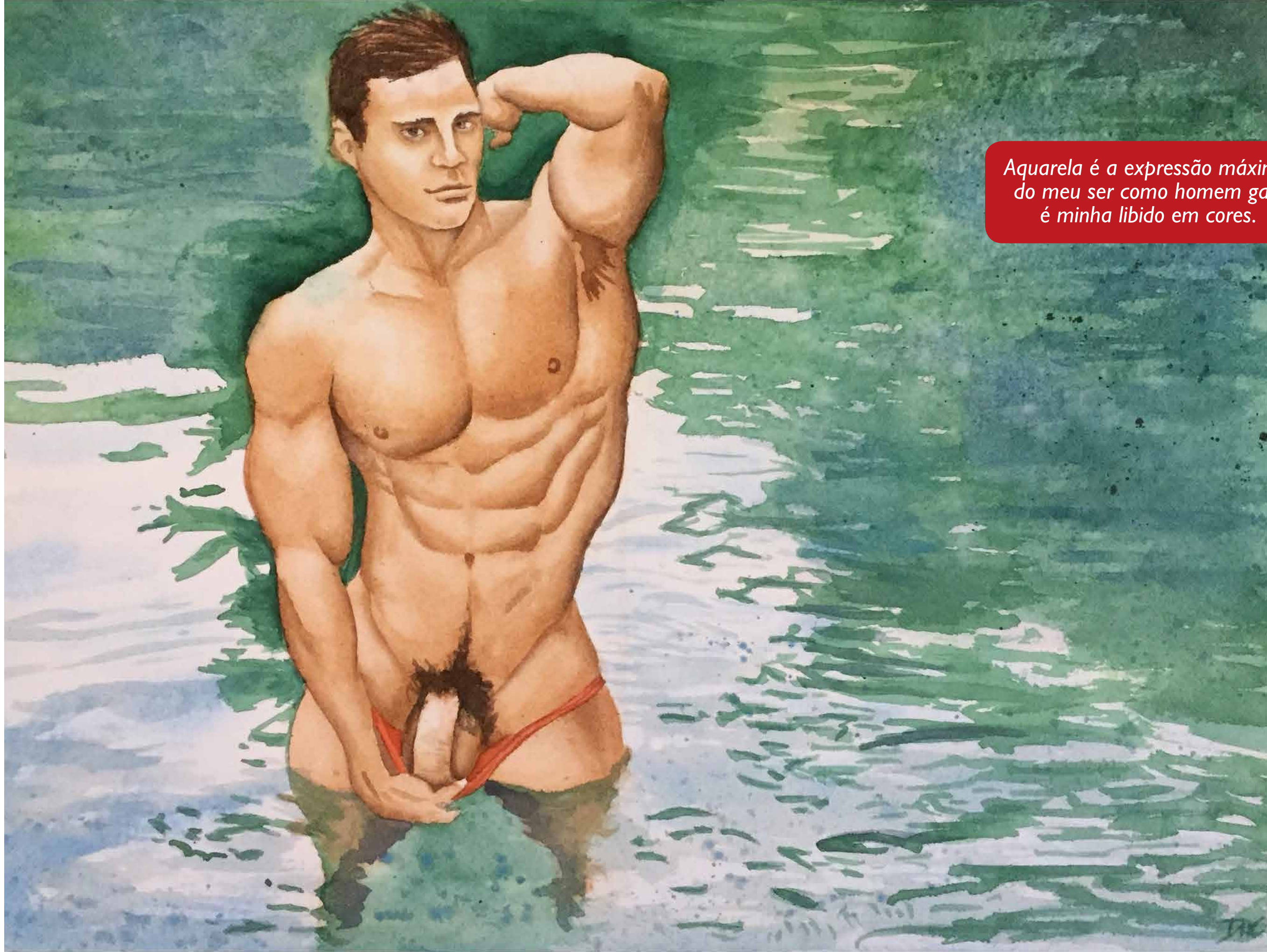
Todos nós somos guiados por nossos desejos. Desde o que queremos comer ao que queremos ter, vamos navegando em busca de uma satisfação provisória: após uma vontade saciada, imediatamente queremos outra. Douglas Clemente canalizou um de seus maiores desejos para a arte:

Sempre soube que queria pintar nus, então, pinto o que me atrai: a figura masculina.

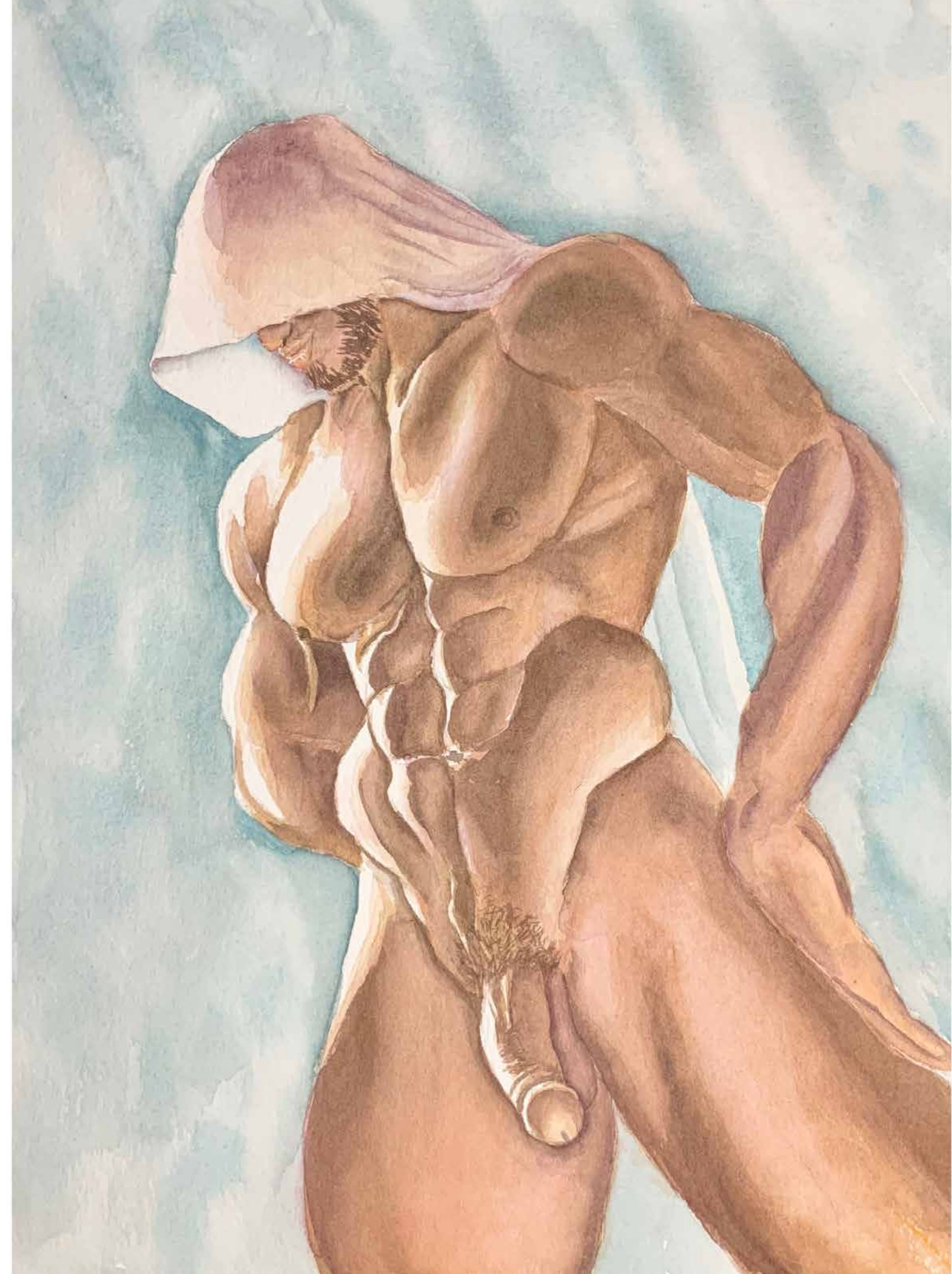
É possível ver, portanto, que a nudez em sua obra é explícita, sexualizada e objetificada, pois acredita que já passou da hora da Arte se debruçar sobre a temática dessa maneira. Inclusive lembra que, como homem gay, é fundamental descentralizar o ponto de vista artístico do homem branco cis heteronormativo que domina a História da Arte. Por essas razões, o pênis é seu ponto focal (“duro, mole, grande, pequeno, grosso ou fino, pinto tudo!”), desejando celebrar as diferenças.

Ele diz que não consegue diferenciar sua vida sem a arte, pois sempre esteve produzindo algo. Inspirado por Peter Paul Rubens, Brenden Sanborn, Gabriel Garbow e a arte japonesa, Douglas encontrou na difícil técnica da aquarela (“desenvolvi um modo mais realista e colorido”) a possibilidade de fazer efeitos práticos na pele e na musculatura dos corpos que representa em sua arte.

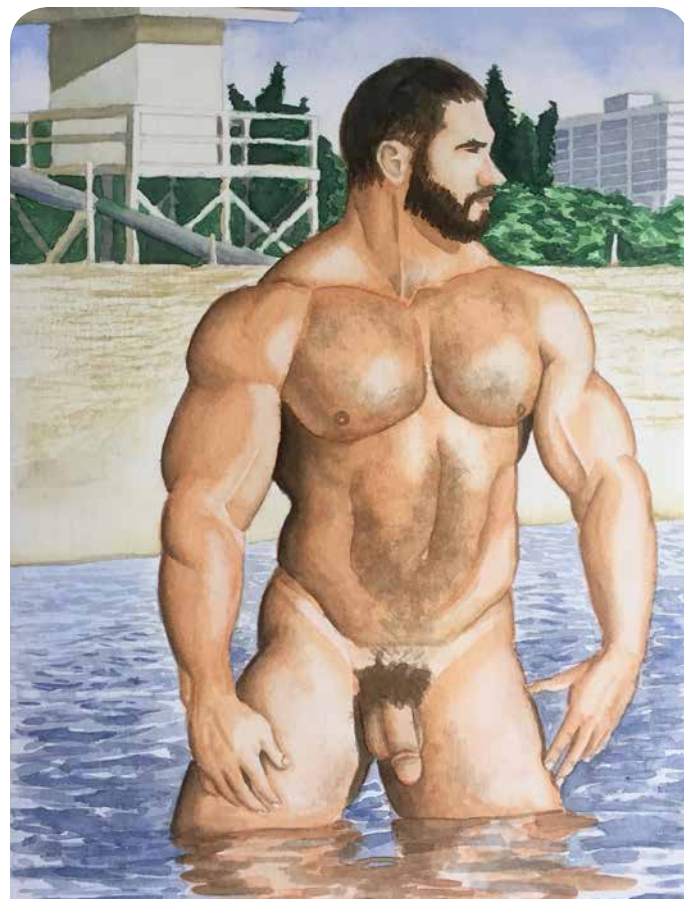


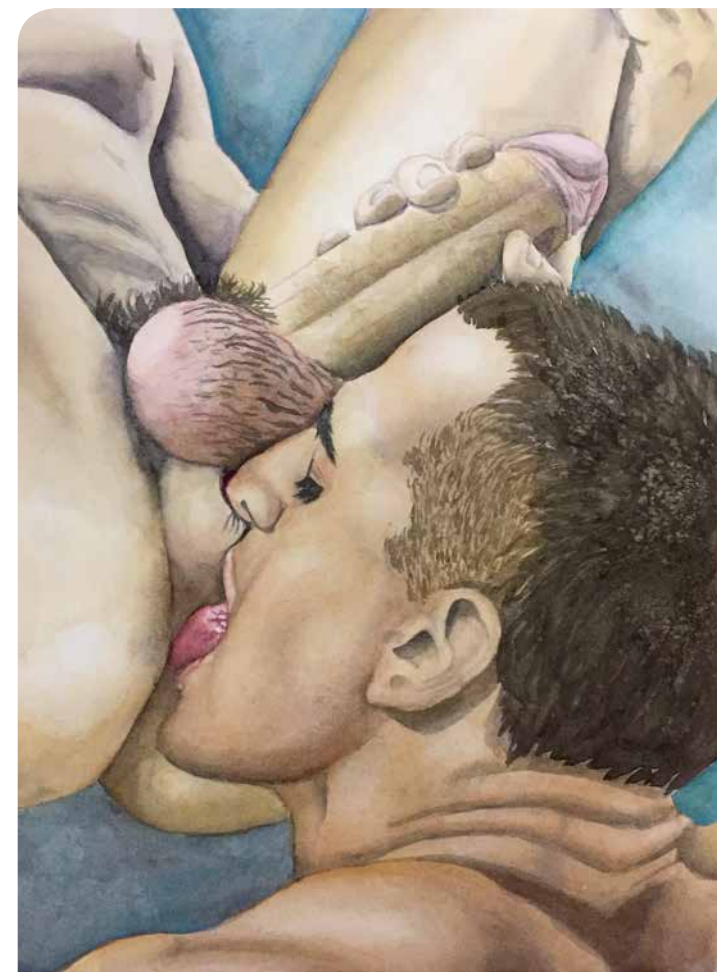
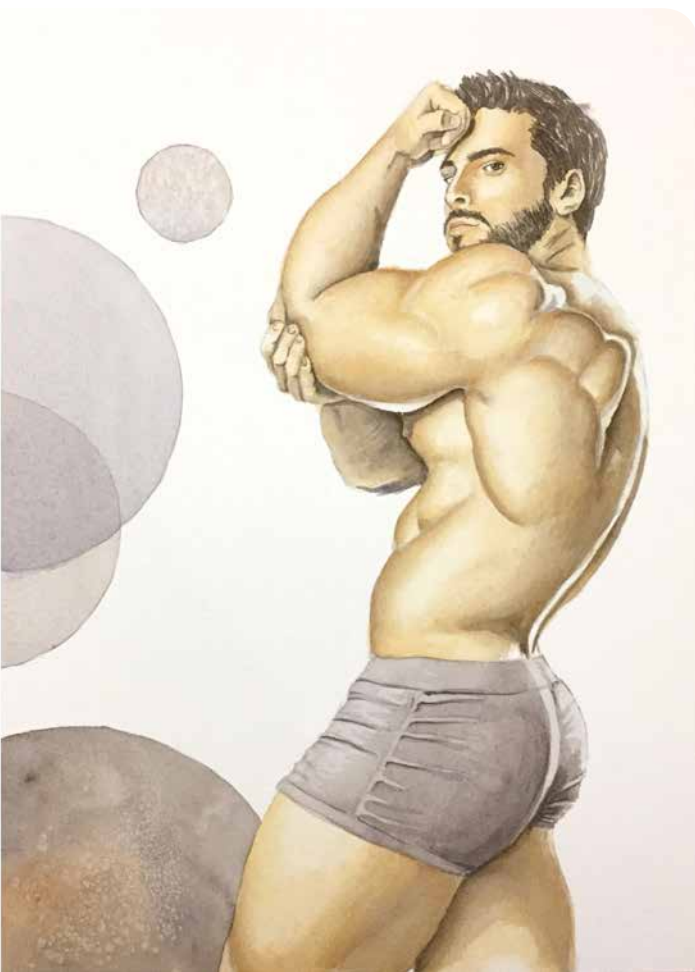
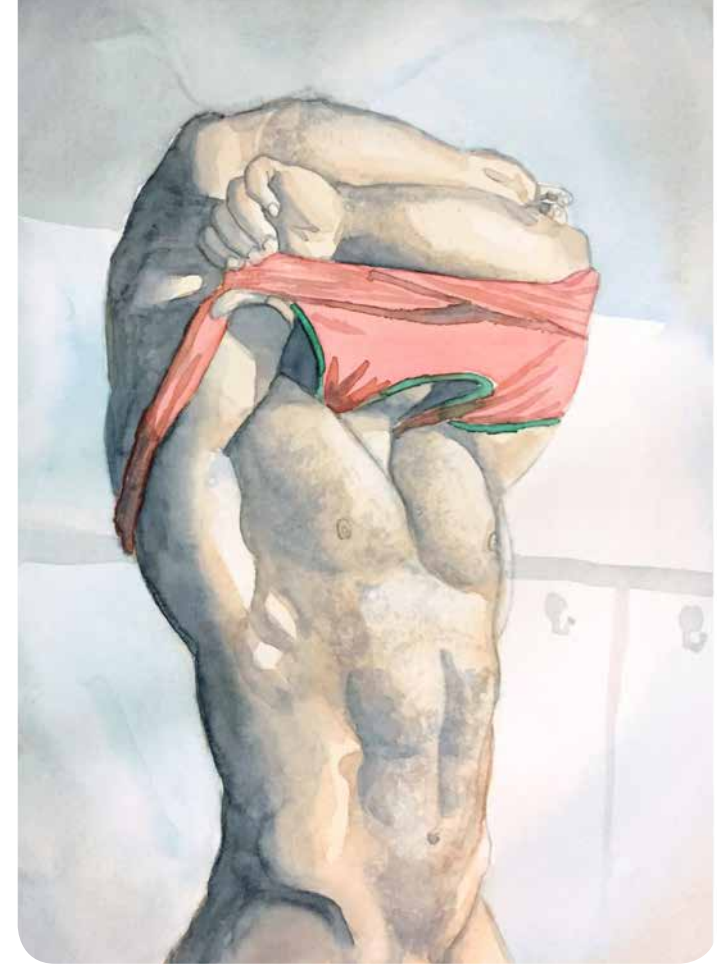


*Aquarela é a expressão máxima
do meu ser como homem gay:
é minha libido em cores.*



Douglas não trabalha com modelos – apesar de não descartar a possibilidade. Diz que, primeiro, uma imagem, uma pose, um corpo tem que chamar sua atenção, seja por um despertar de desejo ou por uma novidade particular que ainda não experimentou. Quando uma referência “fala mais alto e gruda na cabeça”, sente uma necessidade incontrolável de “colocar pra fora”, de “pintar sua libido”.







Cirurgia plástica para você.

Formado em Engenharia de Telecomunicações, Douglas confirma o apoio de seu marido em sua produção artística ("foi ele que comprou minhas primeiras tintas como presente"), mas lembra que a visibilidade do nu masculino frontal e sexualizado nas artes ainda sofre com os tabus seja na internet ou em galerias. Por isso, pretende continuar aprimorando sua técnica para, no futuro, fazer uma exposição e um livro.

"Pinte o que te dê tesão!" é o conselho de Douglas para todos os artistas. E isso também fica bem claro no conjunto de sua obra. **8=D**



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com



Igor Yermakov

por Filipe Chagas



s olhos do mundo estão agora voltados para a Ucrânia. A invasão de um Estado soberano vem chocando a maior parte do Ocidente e quem sofre são os civis.

Uma das estratégias de destruição de um povo é acabar com a sua cultura e, assim, teatros, bibliotecas, museus e escolas foram atacados. Trazer a fotografia de **Igor Yermakov** para a Falo é mais do que dar visibilidade ao artista: é também manter viva a produção artística de seu país.

Igor nasceu em Cherkasy, no centro da Ucrânia, mas vive em Kyiv desde que foi estudar Engenharia Civil. Há muitos anos, gerencia grandes projetos de construção e tem dois hobbies principais: castelos de papel (“já tenho mais de 40 montados”) e a fotografia.

Um dia percebi que havia tirado boas fotos de Praga. Depois disso, em 2007, tentei tirar fotos dos caras. E a coisa mais importante se tornou uma sessão de fotos com uma pessoa maravilhosa: o modelo e também fotógrafo Sergey Sheptun (nas fotos desta página).

A partir desse encontro com o modelo Sergey Sheptun, Igor produziu um livro chamado *One hour with the model* com 85 fotos. Em seguida, produziu três livros de artes feitas por artistas do mundo todo a partir destas fotos. Todas as edições estão à venda no site do fotógrafo.



Por essa razão, Igor costuma conversar com os modelos (“raramente fotografo modelos profissionais”) antes dos ensaios para encontrar um terreno comum e estabelecer a confiança. Como os homens ucranianos são bastante conservadores, a maioria é fechada e não sabe posar:

Eu literalmente “esculpo” a pose com minhas mãos. Esse pode ser um processo complicado e demorado. E nunca exijo que o modelo fique completamente nu. A pessoa deve decidir por si mesma e quase tudo acaba acontecendo de forma espontânea para satisfação mútua.



A escolha pela figura masculina se deu pela sua orientação sexual (“sempre comparo a figura feminina com um golfinho e a masculina com um garanhão: um jogo de músculos e formas, combinação de formas suaves e afiadas”), mas só começou a apresentar seu trabalho em 2017, principalmente através das redes sociais, acreditando que o mundo está – ou estava – se tornando mais progressista nas pautas de direitos humanos. Seu foco está na emoção que o corpo produz e transfere para o mundo. Às vezes prefere cobrir parcialmente a nudez para enfatizar o clima e não a nudez em si.

Acredita que a completa ausência de emoção do modelo é o maior problema em um ensaio. Mostrar o humor do modelo é o que leva em consideração até mesmo quando genitais aparecem (“são simplesmente naturais”), uma vez que um pênis excitado pode encaixar em imagens românticas com uma postura mais dinâmica:



Os genitais adornam a figura masculina. Eles podem ser mostrados de maneira bonita e interessante, e, dada a variedade de tamanhos e formas, dá muito espaço para a criatividade.





Igor tenta manter sua criatividade acesa mesmo em guerra. Recentemente se juntou voluntariamente às fileiras da defesa territorial e sonha em continuar fotografando homens e, até mesmo, militares gays (“se eu sobreviver para viver nossa vitória”). Assim seja. **8=D**



Falo de História

por Filipe Chagas

Jogos Olímpicos em Berlim, óleo sobre tela, 1933.

Anton Kolig

1886-1950





O expressionista **Anton Kolig** (1886-1950) está entre os mais eminentes pintores austríacos da primeira metade do século 20. Acredita-se que tenha produzido mais de 3000 desenhos e 400 pinturas, porém, mais de dois terços se perderam durante a Primeira Guerra Mundial e essa pode ser a razão de seu ostracismo.

Filho do pintor Ferdinand Kolig e sua esposa Maria, Anton nasceu no dia 1º de julho em Neutitschein (na antiga Morávia, hoje Nový Jičín, na República Tcheca). Com 18 anos, começou a estudar na *Kunstgewerbeschule* (Escola de Artes e Ofícios) em Viena, juntamente com Oskar Kokoschka, mas, em 1907, mudou-se para a Academia de Belas Artes e visitou as aulas de Heinrich Lefler, Rudolf Bacher e Alois Delug.

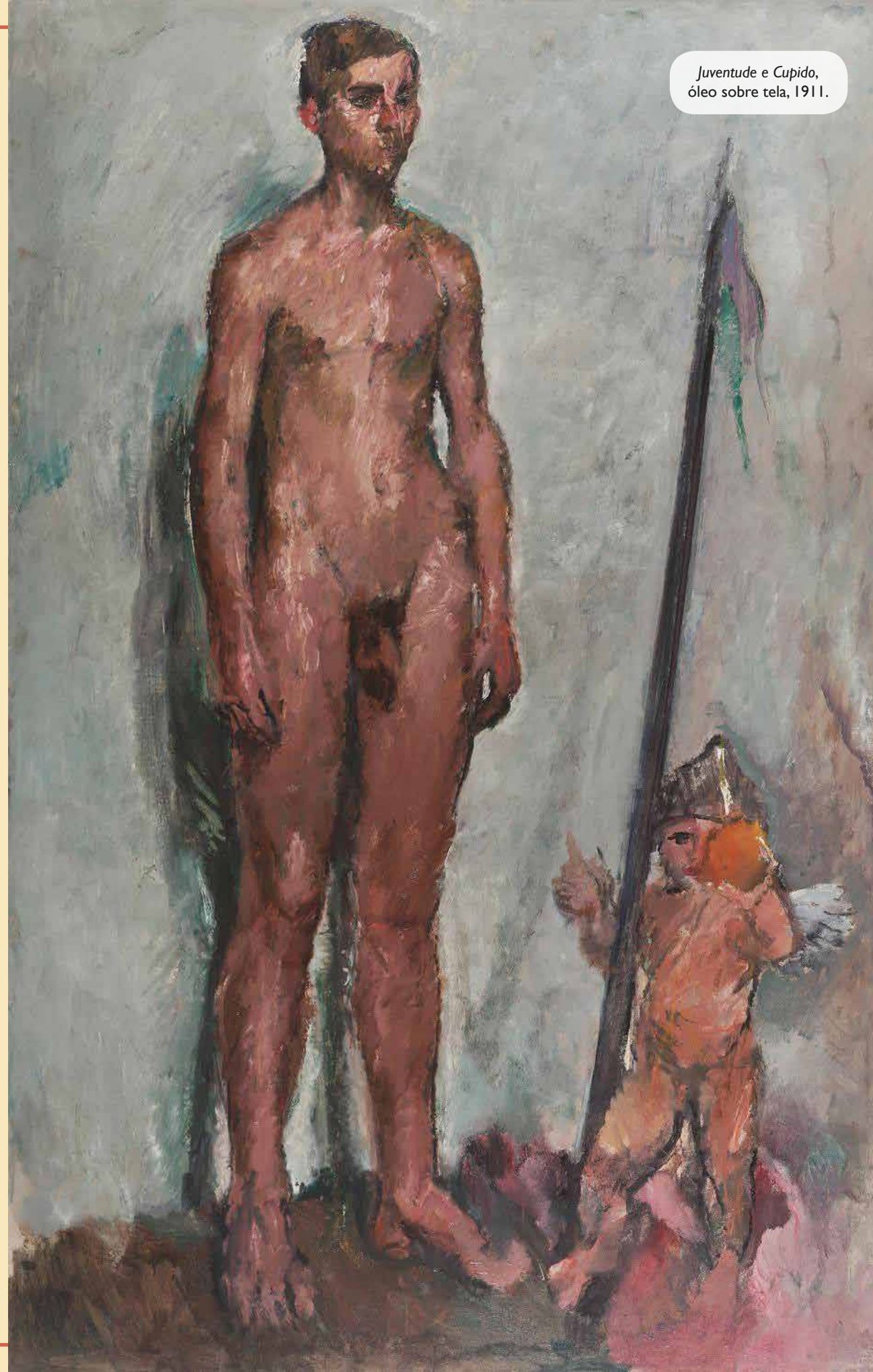
Na Academia, conheceu Sebastian Isepp e Franz Wievele, que se tornaram seus amigos vitalícios. Eles viajaram para Nötsch (na Caríntia, sul da Áustria, que era a aldeia natal de Isepp e Wievele), onde, com Anton Mahringer, formaram o *Nötscher Kreis* (Círculo de Nötsch). Descontente com as classes acadêmicas ultrapassadas e conservadoras, Kolig também participou da fundação do *Neukunstgruppe* (Grupo de Nova Arte) em 1909, cujos membros incluíam Egon Schiele e Wievele.

1911 foi um ano importante para Kolig: além de se casar com Katharina Wievele, irmã de seu amigo Franz, o artista expôs pela primeira vez nove obras – inclusive seu primeiro quadro “Juventude e Cupido” – na “Exposição Especial de Pintura e Escultura” do grupo *Hagenbund*, em Viena, ao lado de Kokoschka, Schiele e seus amigos. Gustav Klimt e Carl Moll ficaram impressionados com os trabalhos do artista e o recomendaram para uma bolsa em Paris. No ano seguinte, então, o artista levou sua família para a França.

Estudo de dois homens deitados, grafite sobre papel, 1918.

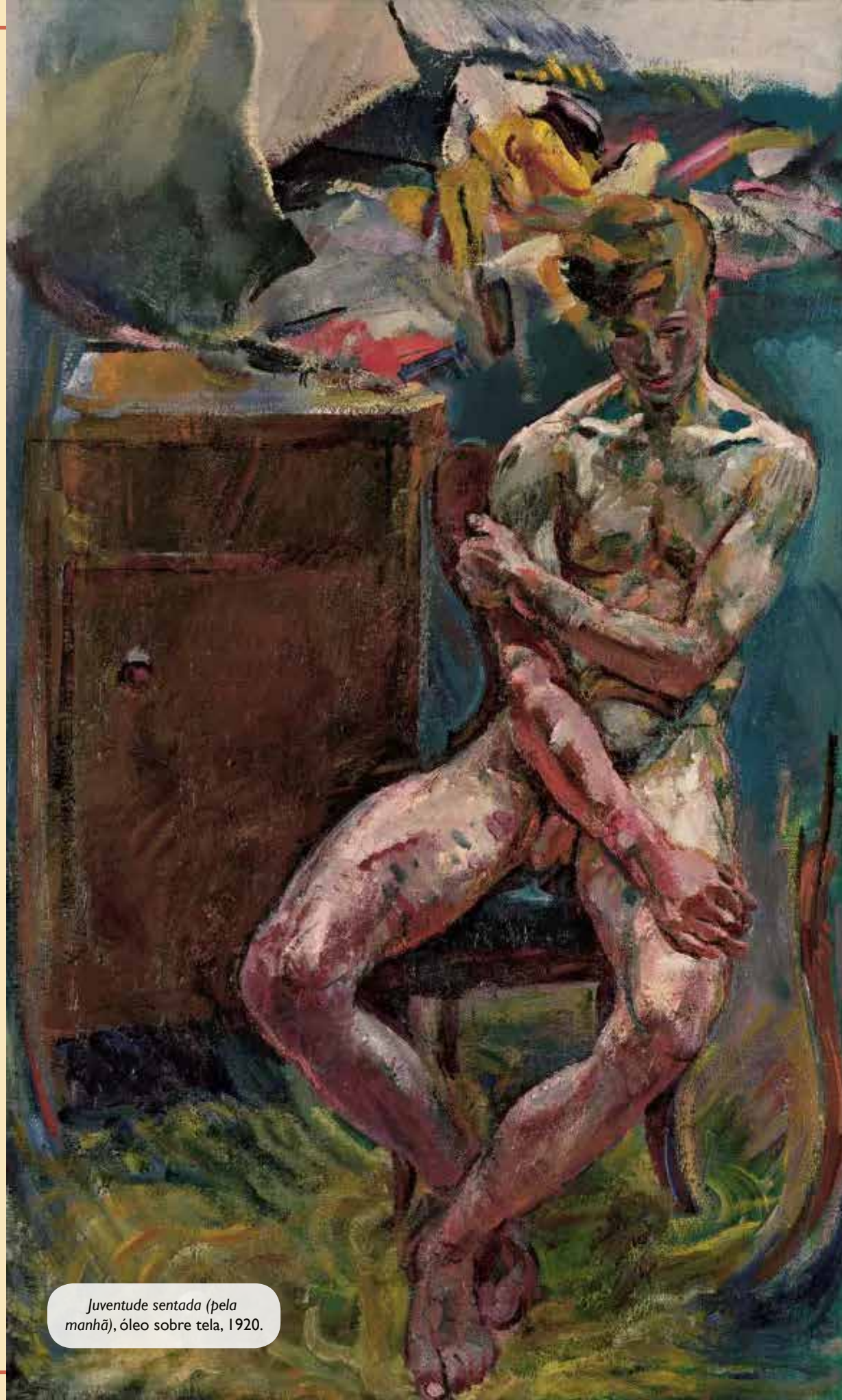


Juventude e Cupido, óleo sobre tela, 1911.

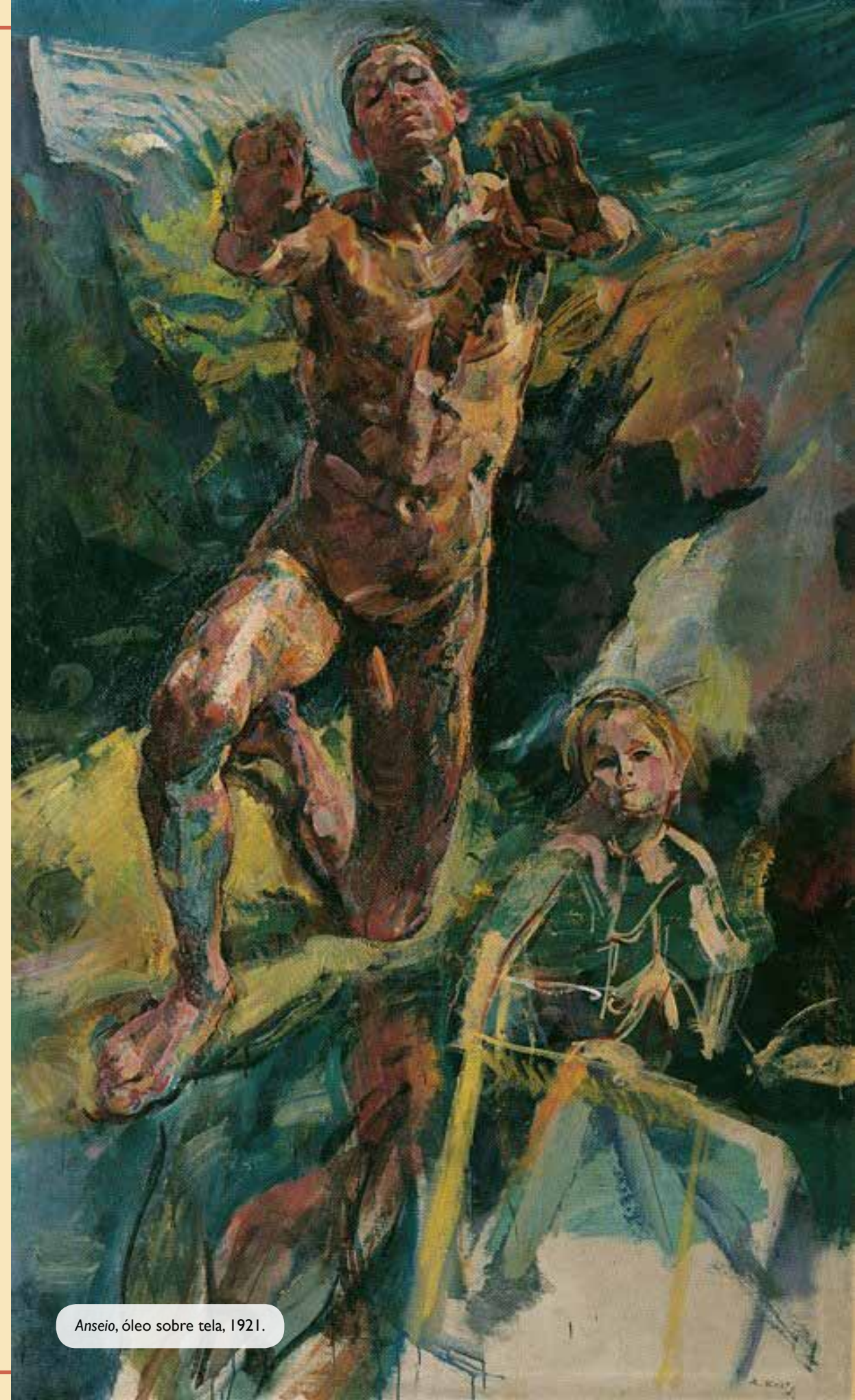


Kolig estava em Cassis, perto de Marselha, quando foi surpreendido pela eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914. Fugiu com sua família via Gênova e Veneza, na Itália, e voltou a Nötsch, mas não conseguiu levar a maioria das pinturas que havia feito em sua estadia na França (que se perderam).

Em abril de 1916, Kolig foi convocado para o hospital de reserva de emergência em Klagenfurt, capital da Caríntia, e permaneceu lá até ser designado para a frente italiana em julho. Através da mediação do poeta Richard von Schaukal – que também era Ministro de Obras Públicas na época –, foi designado pintor de guerra e ingressou na Agência de Imprensa do Exército Real Austro-Húngaro. Em 1917, recebeu a ordem de criar um altar dos fuzileiros da Caríntia como presente para o imperador Karl I (que ficou inacabado com o fim da monarquia).



Juventude sentada (pela manhã), óleo sobre tela, 1920.



Anseio, óleo sobre tela, 1921.

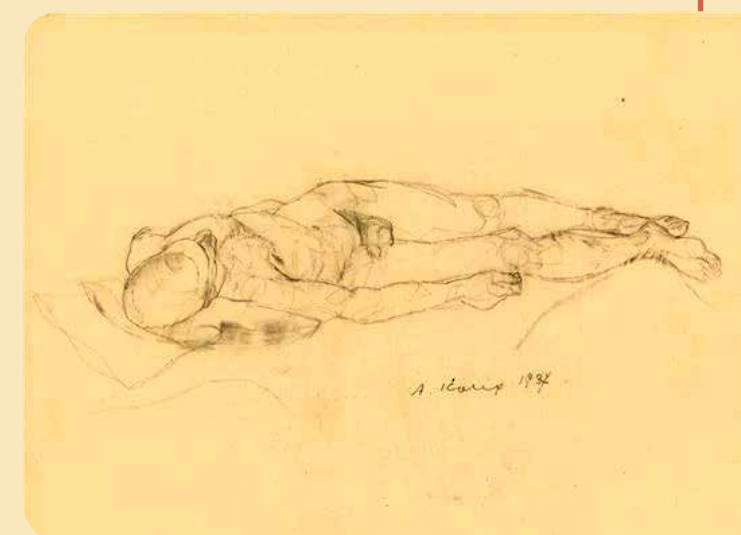
Pesar, óleo sobre tela, 1920.



Após a guerra, Kolig tentou montar uma escola de arte privada em Nötsch. Seus desenhos de guerra foram apresentados em uma exposição em Klagenfurt, junto com pinturas de Egon Schiele, e causaram um rebuliço.

Grande admirador de Michelangelo, Hans von Marées e Lovis Corinth, Kolig se tornou um representante proeminente de uma pintura figural dinâmica típica de seu tempo. Suas obras são caracterizadas por uma pincelada enérgica com cores vibrantes, luminosas e intensas. Seus principais temas foram retratos, mas fez também naturezas-mortas e pinturas monumentais. O que chamou a atenção foi o grande número de desenhos de nus masculinos – em sua maioria, deitados. A nudez em sua obra pode ter sido influenciada tanto pelo contato que o artista teve com a produção de Egon Schiele, quanto pela forma de vida naturista comum em países de bases germânicas ou pela vida no exército. Contudo, alguns estudiosos acreditam que Kolig possuía tendências homoeróticas reprimidas (tendo sido amante de Kokoschka) e suas pinceladas de cores em frenesi seriam um conflito interno com a sua religiosidade.

Estudos de nus masculinos em grafite, décadas de 1930 e 1940.





Pietà masculina,
óleo sobre tela, 1946.

A partir de 1926, trabalhou em tapeçarias e mosaicos para um festival em Salzburgo. Recebeu a cátedra na Academia de Arte de Württemberg em Stuttgart – mudando-se com a família de cinco filhos para a cidade – e sua obra tornou-se cada vez mais respeitada internacionalmente, ganhando inclusive a medalha de ouro por seu “Retrato do General Seibt” (1918), na exposição “Arte Alemã” em Düsseldorf em 1928. No ano seguinte, foi contratado para pintar afrescos em um salão do prédio do governo de Klagenfurt, que terminou junto com Anton Mahringer e seus alunos.



Acima: *Retrato do General Seibt* (1918).

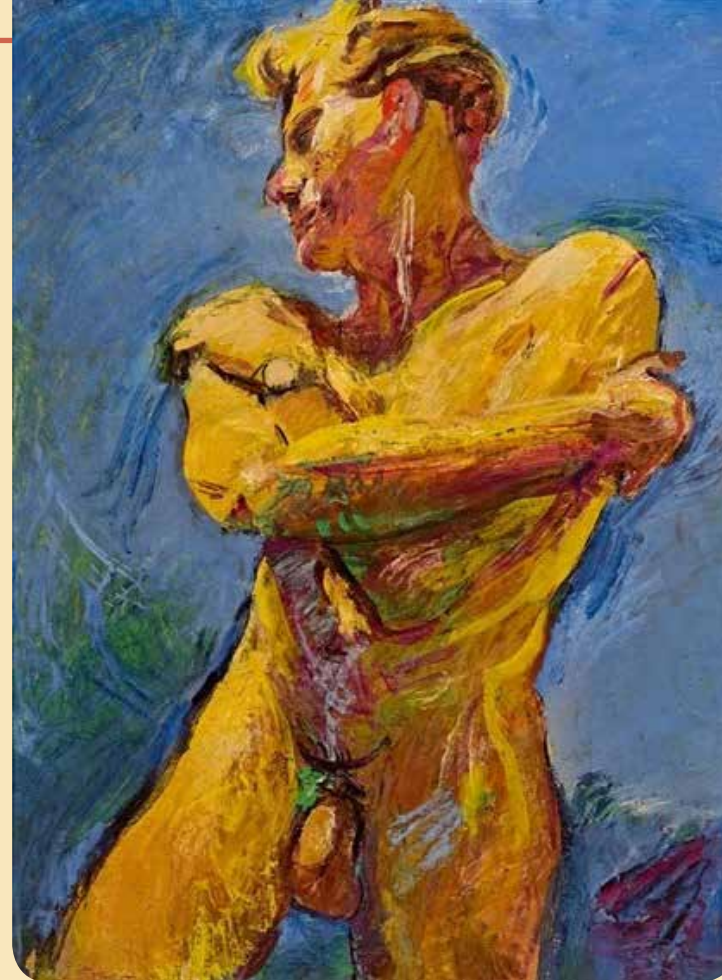
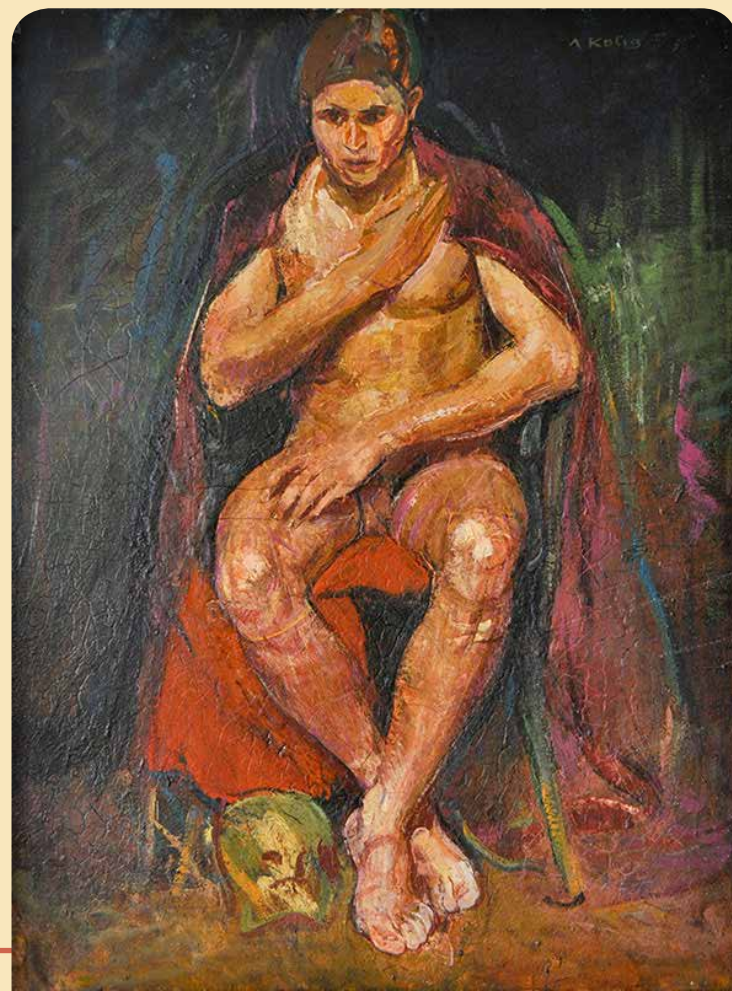
Abaixo: *Grande nu com espelho* (1926) e *Casal masculino nu* (1925).

Todos em óleo sobre tela.



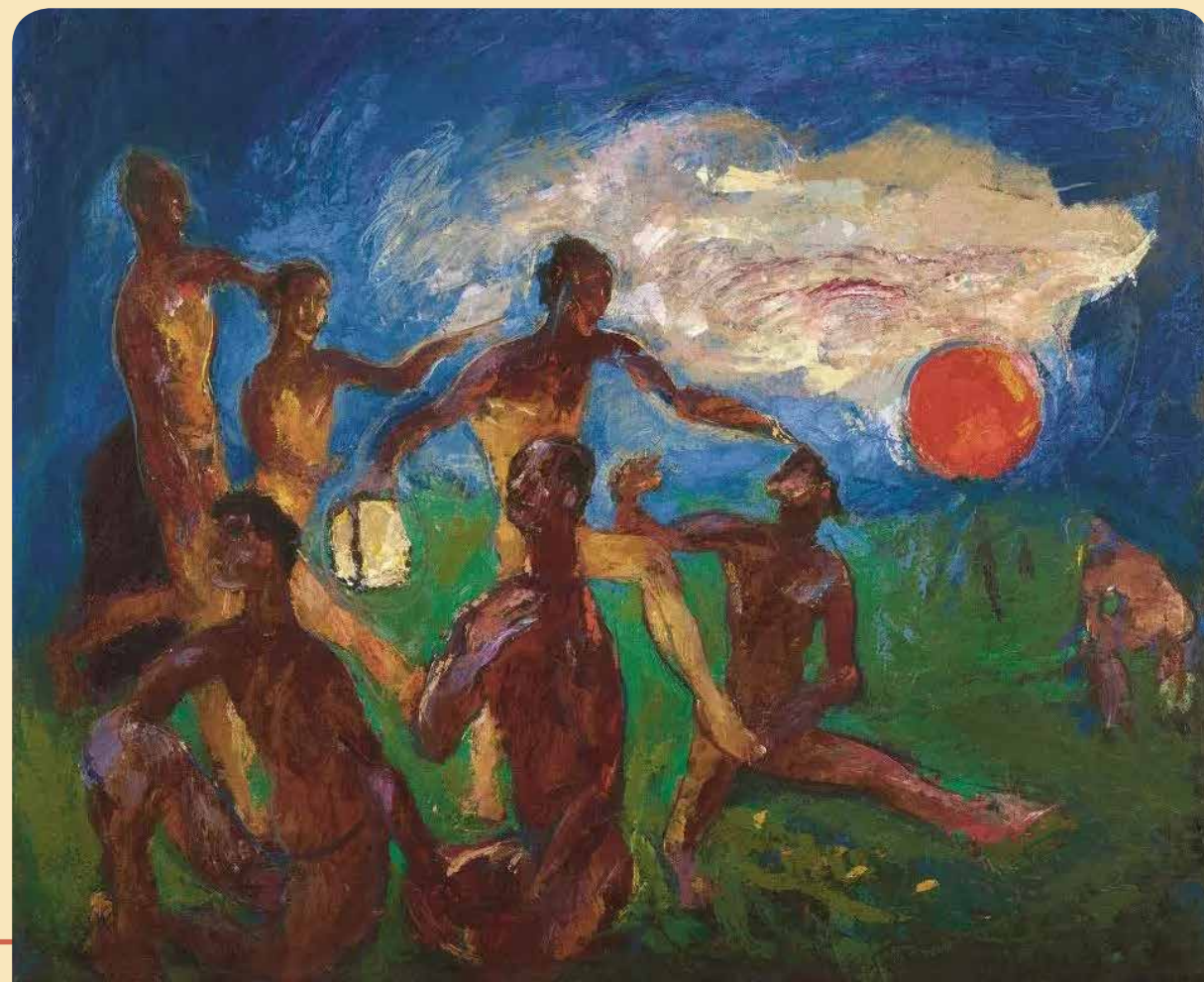


Luta livre e Jovem com casaco vermelho, ambos óleo sobre tela, 1933.



Estudo para anjo (Rudolf Hradil) no projeto não-realizado de uma cortina de ferro para o Festival de Salzburgo, óleo sobre tela, 1948.

Buscadores do Sol, rascunho em óleo sobre tela para um vitral da Catedral de Santo Estêvão de Viena, 1947.

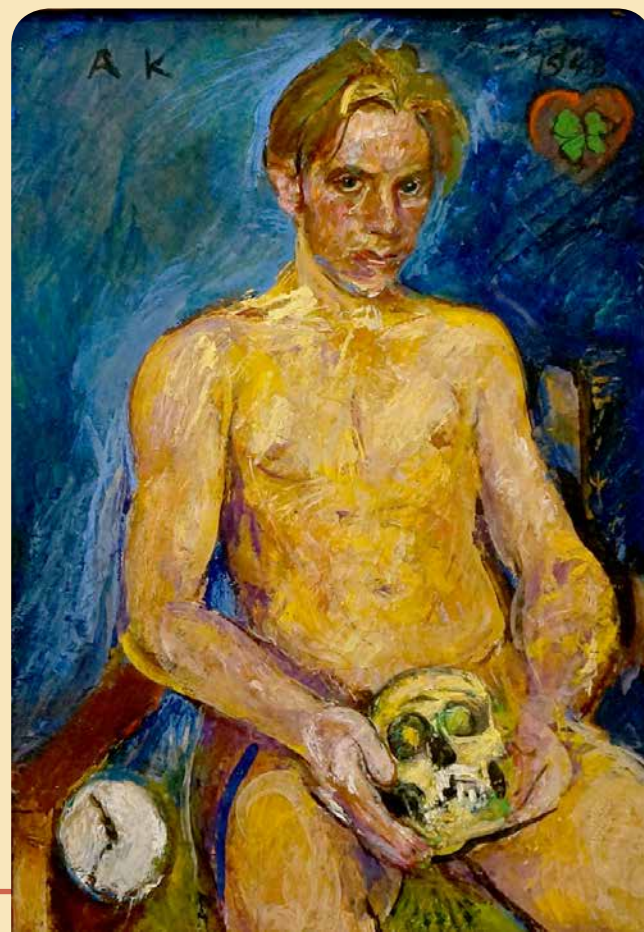


Em 1936, recebeu o Prêmio do Estado Austríaco, porém, durante o regime nazista, muitas de suas obras foram destruídas ou retiradas das galerias, bem como o mosaico em Salzburgo e os afrescos de Klagenfurt que foram arruinados durante a anexação alemã (*anschluss*) da Áustria, em 1938. O próprio Hitler chegou a se manifestar contra a arte expressionista de Kolig.

Em 1943, Kolig foi forçado a se aposentar pelos nazistas e voltou para Nötsch. Em 1944, durante um bombardeio à cidade, Kolig foi enterrado sob escombros com sua esposa e ficou gravemente ferido. Uma grande retrospectiva do artista foi inaugurada em Viena em 1948. O artista morreu em 17 de maio de 1950 em Nötsch.

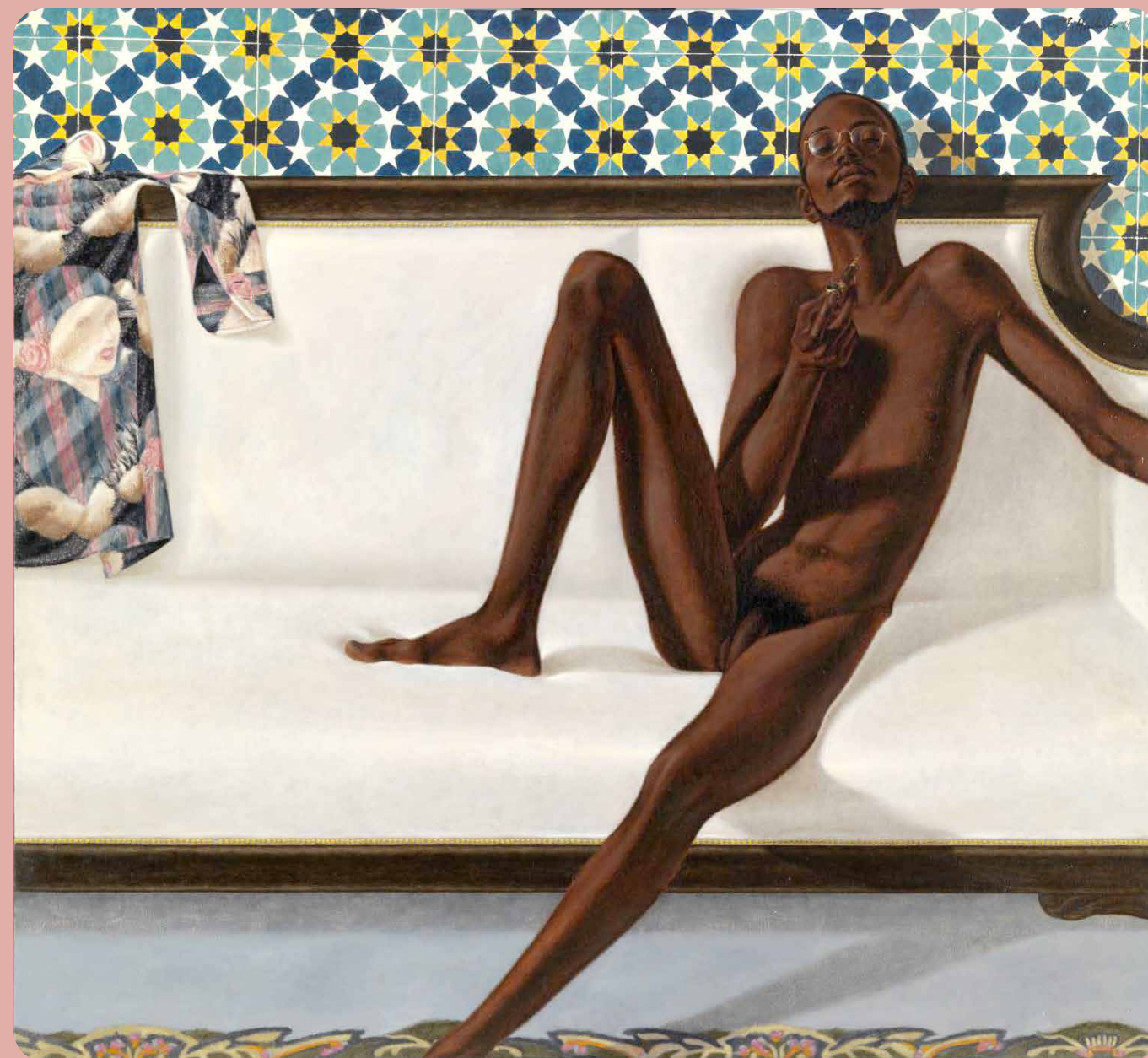
8=D

www



Nossa juventude (em equilíbrio) (1947) e Nossa juventude (1948), ambos em óleo sobre tela.

Falo em Foco



Família Jules: NNN (Não Negros Nus), óleo sobre tela de Barkley L. Hendricks, 1974.

Uma viagem com Trip

NOTA DO EDITOR: Este texto foi escrito a partir do site oficial do Trip Richards e de algumas entrevistas dadas por ele ao longo dos últimos anos. Algumas perguntas foram feitas diretamente a ele e também compuseram este texto. Vale citar que as traduções feitas pelo Google são machistas e transfóbicas: o termo “sex worker” é sempre traduzido no feminino (trabalhadorA do sexo) mesmo com o nome do ator na frase.

TRANSIÇÃO PESSOAL

Meu nome é Trip Richards e sou um homem trans. Isso significa que fui designado mulher ao nascer e passei a primeira parte da minha vida parecendo mulher. Porém, isso não combinava com minha própria identidade de gênero masculina. Com o benefício da retrospectiva, percebo que sempre me senti “diferente”, mas não tinha o conhecimento ou a linguagem para descrever o que estava sentindo até chegar aos 20 e poucos anos. Nesse ponto, comecei a aprender sobre pessoas transgênero e encontrei um homem transgênero pela primeira vez. Tudo sobre minha própria personalidade “clicou” naquele momento.

O sexo geralmente é usado para se referir ao sexo biológico. Ao nascer, nos é atribuído um gênero com base na inspeção visual de nossa genitália externa, mas, na verdade, existem vários componentes do gênero biológico “verdadeiro” (cromossomos, níveis hormonais, sensibilidade hormonal, órgãos internos etc) que nem sempre se alinham de maneira binária e podem existir ao longo de um espectro de características. Portanto, sexo biológico é um pouco mais sutil do que “pênis versus vagina” e devemos nos referir a uma pessoa como “um homem cisgênero” em vez de “biologicamente masculino”.

Tenho 1,76 m, aproximadamente 77kg, e uso testosterona desde fevereiro de 2015, quando comecei minha transição. Foi assustador, porque eu não sabia como as pessoas iriam reagir, e também não sabia se conseguiria os resultados físicos que eu queria. No entanto, assim que comecei a testosterona, me senti muito melhor. Por conta da genética familiar, me tornei peludo e com barba, mas isso funciona diferente para cada um. Portanto, sempre aconselho a conversar com um endocrinologista.



Em julho do mesmo ano, fiz a cirurgia de retirada dos seios através dos mamilos*, por isso não há cicatrizes visíveis. Para maior clareza, também não fiz cirurgia genital, ou seja, não, eu não “cortei meu pau” ou “construí um”. Vale dizer que fazer perguntas intrusivas sobre a genitália de outras pessoas é desaprovado de qualquer maneira, no entanto, eu aviso que meu pau (também conhecido como clitóris) é grande devido à testosterona. Sim, eu prefiro que você se refira a ele como um pênis. Se você não sabe, clitóris e pau são partes do corpo anatomicamente análogas.

Sou bissexual, ou mais precisamente pansexual, ou seja, faço sexo com homens cisgêneros, mulheres cisgêneros, outras pessoas trans e pessoas não binárias. Meus parceiros masculinos se identificam como homens gays ou bissexuais. Nunca fiz sexo com um cara heterossexual. Gosto de penetração tanto no meu buraco da frente (sim, é assim que eu chamo minha buceta) quanto na minha bunda. E geralmente não esguicho quando gozo. Não sou fértil, não menstruo, não posso engravidar, nem tenho vontade de fazê-lo. Não gosto muito de perguntas sobre minha fertilidade, então, não pergunte.

* A mastectomia subcutânea periareolar deve ser realizada por profissionais de saúde competentes, preferencialmente por cirurgiões plásticos.

Foi ótimo finalmente me reconhecer no espelho como o homem que eu era por dentro. Hoje me considero pós-transição e não vou fazer mais nenhuma cirurgia. Vivo uma vida autêntica e congruente. Sou legalmente homem, me identifico como homem e aceito pronomes masculinos (ele/dele). A transição é uma jornada pessoal e esta é a minha.

PROFISSÃO: SEXO

Sou criador profissional de conteúdo adulto (sim, essa é uma maneira elegante de dizer que faço pornô) e um artista multi-premiado (2020 Transgender Erotica Awards Pornhub Performer of the Year, 2021 GayVN's FTM Star e 2021 Raven's Eden Hottest Transman). Já colaborei com algumas das maiores estrelas da indústria, incluindo Boomer Banks, Rocco Steele, Lance Charger e dezenas de outros. Faço questão de mostrar pessoas de diversos tamanhos, formas, cores, idades adultas e muito mais em meu trabalho. Acredito que a sensualidade transcende os limites tradicionais do que os estúdios pensam que vai vender. Então, meus vídeos são reais, autênticos e sem muito roteiro. Poder compartilhar minhas aventuras é simplesmente incrível!

Comecei como artista de webcam em 2013. No início, não tinha certeza se alguém iria querer me ver. Lutei com uma “síndrome do impostor”, pois não tinham muitos exemplos a seguir. Agora sei que ofereço algo exclusivamente erótico.

A maioria dos meus espectadores nunca tinha visto um homem trans antes, ou pelo menos não um nu. E eles eram naturalmente curiosos. Nem posso contar quantas vezes um espectador me disse algo do tipo: “Eu não sabia que gostava de caras trans até te ver”. Meu trabalho os faz expandir suas percepções e repensar o que os atrai: é apenas pau – que eu não tenho – ou masculinidade de forma mais ampla? Isso realmente destaca a importância da visibilidade e do esforço para trazer artistas trans para o mainstream.

Há uma suposição de que as pessoas que fazem trabalho sexual são todas exploradas (não é verdade) ou que somos todos burros e não temos outras opções (também definitivamente não é verdade). A maioria das histórias convencionais sobre profissionais do sexo inclui linguagem pejorativa, que alimenta o estigma, ou se concentra em casos de exploração, que apaga a preponderância de histórias de trabalho sexual consensual. Os artistas trans ainda têm o fardo adicional de serem frequentemente incompreendidos, desvalorizados, vistos com desconfiança ou como um item de fetiche em vez de uma pessoa completa. Isso é parte do motivo pelo qual há violência desproporcional contra profissionais do sexo trans.

Aliás, a fetichização é, na minha opinião, uma parte natural do erotismo. Só se torna problemático quando ocorre a tal ponto que obscurece a humanidade básica. Como a pornografia é meu trabalho em tempo integral, não tenho problemas com fãs vendo meu corpo como um objeto sexual, desde que paguem pelo conteúdo e me tratem bem. O problema é a maneira como os homens trans são presos a certos tipos de papéis sexuais, sendo vistos como inferiores ou submissos. Eu luto contra essas suposições e fiz um esforço para produzir filmes onde estou em posições dominantes. Por exemplo, uso cinta peniana nos parceiros que gostam de ser penetrados. Enquanto obviamente o apetrecho não me oferece uma sensação física, acaba sendo mentalmente prazeroso agradar o outro. Bom sexo é tanto cérebro quanto genitais!





PARA ALÉM DO ÓDIO

Ainda me fazem muitas perguntas ignorantes. É frustrante quantas pessoas ainda parecem não saber que existem homens trans e que não entendem os elementos mais básicos da transição de gênero. Não espero que todos sejam cientistas ou antropólogos, mas as pessoas trans existem na sociedade há muito tempo, e a transição médica também não é novidade. Eu encorajo as pessoas a fazer algumas pesquisas básicas por conta própria.

As percepções de muitas pessoas ainda estão assentadas na ignorância, medo ou dogma, em vez de conhecimento ou racionalidade. Ainda estou evoluindo na forma como lido com críticas e assédio. Se alguém me lança um insulto comum, geralmente tento ignorá-lo. Mas quando vejo casos flagrantes de intolerância em relação a grupos de pessoas, seja transfobia ou racismo, muitas vezes denuncio isso publicamente em minhas próprias plataformas de mídia social. Acho que é apenas abordando diretamente os casos de ódio ou intolerância que podemos mudar esses padrões de comportamento.

Mas confesso: é desestimulante saber que muita transfobia e atitudes excludentes vêm daqueles que deveriam ser nossos aliados ou membros da tal “comunidade” LGBTQIA+. Sinceramente, não me sinto conectado a nenhuma comunidade em particular, apenas me sinto afortunado por poder viver minha vida de forma autêntica.

Acredito que artistas adultos em geral – e artistas transgêneros em particular – continuam tendo um papel único como educadores. É claro que a pornografia tem a ver com gratificação sexual, mas também pode reformular as normas culturais e nos ajudar a repensar nossas suposições. Assim como as primeiras estrelas do vídeo adulto romperam tabus e deram aos espectadores seus primeiros vislumbres na tela da sexualidade humana real, os artistas trans modernos podem normalizar nossos corpos. Eu me esforço para mostrar meu corpo trans como não sendo diferente em sua essência do corpo de qualquer outra pessoa. Em outras palavras, minha transidade não é o enredo principal, mas simplesmente um fato dentro da história.

Nós temos a capacidade de educar individualmente simplesmente existindo abertamente e sem vergonha. Quando não estou na frente da câmera ou ocupado gerenciando meus sites e outras plataformas, geralmente estou na academia, caminhando na floresta, abraçando meus gatos resgatados e tecendo cachecóis. O trabalho sexual me permitiu explorar minha sexualidade, me fez crescer como pessoa e me ajudou a entender meu gênero e minha orientação sexual (além do dinheiro, claro). Minha confiança em mim mesmo, como pessoa e como homem, definitivamente aumentou.

Trabalho extensivamente para aprofundar a compreensão de questões que envolvem a defesa de transgêneros, trabalho adulto, positividade corporal e educação geral sobre saúde sexual. Sei que posso deixar uma marca no mundo fazendo algo que eu realmente gosto. Espero mostrar a todos que a paixão autêntica é muito mais do que apenas partes do corpo. **8=D**

AFINAL,
TAMANHO É
DOCUMENTO?

NÃO!

E EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita
com a participação de leitores/seguidores,
totalmente ilustrado e bilíngue.

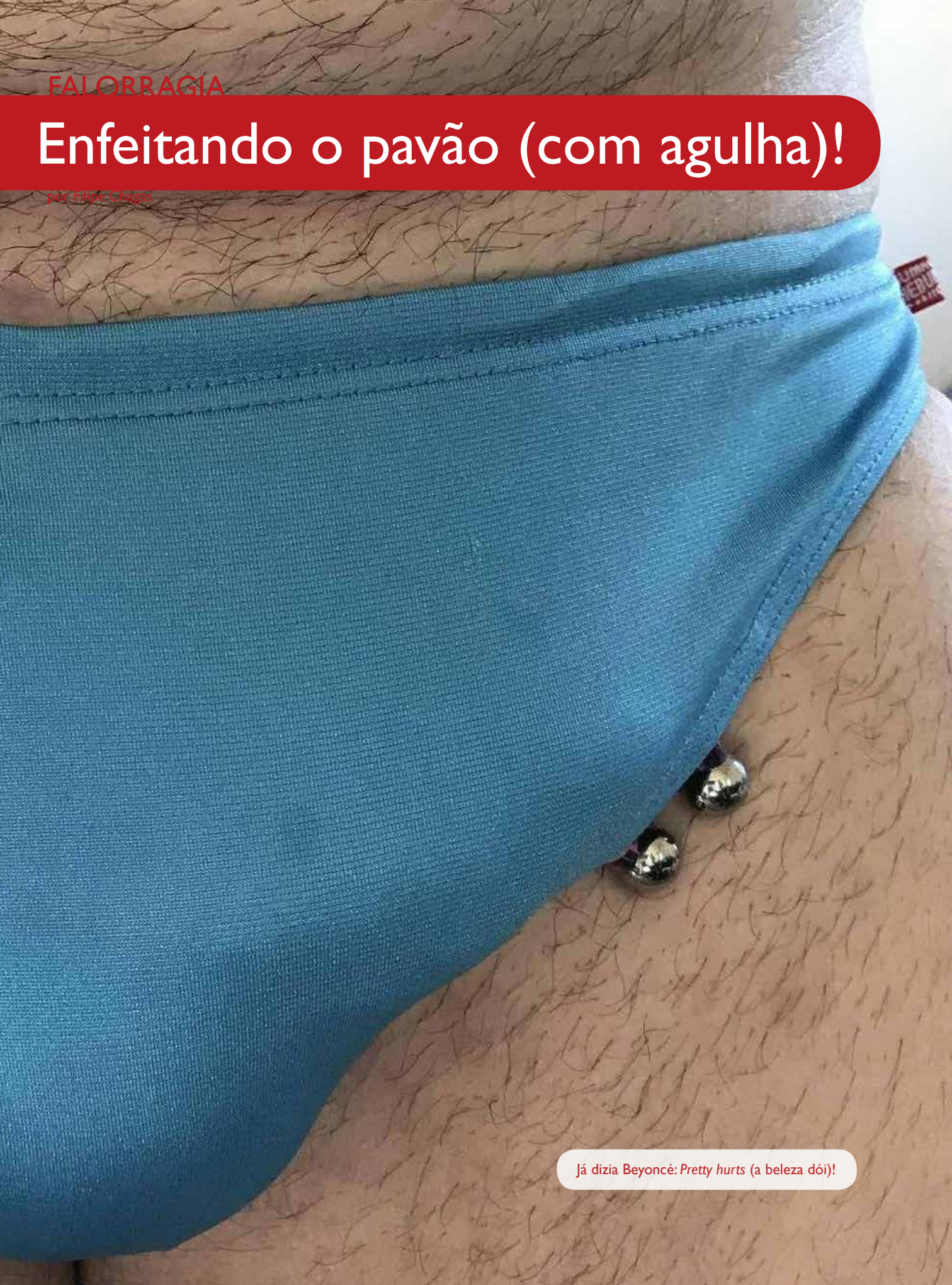
PDF | 140 páginas

Forma de pagamento através do e-mail falonart@gmail.com

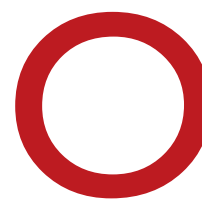


Enfeitando o pavão (com agulha)!

por Filipa Lagoa



Já dizia Beyoncé: *Pretty hurts* (a beleza dói)!

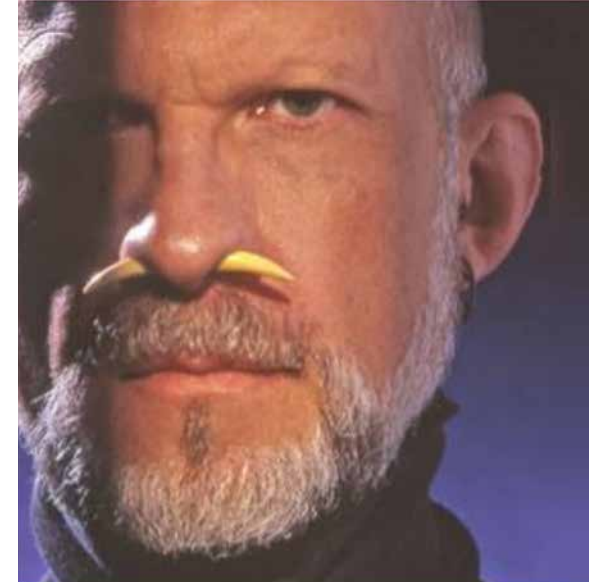


s piercings (implantes perfurantes) são considerados uma forma de modificação corporal, ou seja, a prática de alterar

a aparência do corpo humano através de perfurações, cortes e inserção subdérmica de objetos.

Embora a história do piercing seja obscurecida pela desinformação popular e pela falta de referência acadêmica, existem amplas evidências para documentar que ele tem sido praticado de várias formas por vários sexos desde os tempos antigos em todo o mundo. Por exemplo, o piercing na orelha têm sido particularmente difundidos e estão bem representados nos registros históricos e entre os bens funerários, com brincos em múmias atestando a existência da prática há mais de 5.000 anos. O piercing no nariz é documentado desde 1500 a.C., enquanto o piercing no mamilo remonta, pelo menos, à Roma antiga. Piercings nos lábios e na língua foram historicamente encontrados nas culturas da África, das Américas e do Oriente Médio, enquanto o piercing genital é tanto descrito na Índia Antiga por volta de 320 a 550 d.C. quanto frequentemente visto em tribos do Sudeste Asiático. As histórias dos piercings no umbigo, na sobrancelha e no queixo são menos claras.

A prática de piercing teve um aumento de popularidade após a Segunda Guerra Mundial, especialmente entre a subcultura gay e os punks na década de 1970, espalhando-se para o mainstream na década de 1990. E aqui não podemos deixar de citar o nome de Doug Malloy - pseudônimo de Richard Simonton (1915-1979) -, empresário hollywoodiano e entusiasta da modificação corporal que criou uma série de lendas sobre a história do piercing que interferem até hoje no entendimento histórico da prática. Em seu panfleto *Body & Genital Piercing*



Dia **28 de junho** é não só o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ como também o **Dia do Piercing**. Nesta data, em 1941, nasceu Jim Ward, considerado pioneiro do body piercing moderno.

in Brief afirmou que o Príncipe Albert inventou o piercing que compartilha seu nome para diminuir a aparência de seu pênis grande em calças apertadas, e que os centuriões romanos prendiam suas capas ao piercing de mamilo.

As razões para o piercing são variadas: religião, espiritualidade, ritos de passagem, autoexpressão, estética, prazer e performance sexual, adequação cultural ou rebeldia. Porém, a exibição ou colocação de piercings foi restringida por escolas, empregadores e grupos religiosos. Algumas formas de piercing permanecem controversas, principalmente quando aplicadas à juventude. Uma análise publicada em 2011 sobre piercing e construção identitária revelou que piercings públicos serviam como um mecanismo de camaradagem acelerada e comunicação política, enquanto piercings privados serviam para melhorar a sexualidade e contestar a heteronormatividade.

As práticas contemporâneas de piercings enfatizam o uso de materiais seguros, frequentemente utilizando ferramentas especializadas desenvolvidas para esse fim.

Por ser um procedimento invasivo, pode ter alguns riscos, incluindo reação alérgica, infecção, ISTs, quelóides cicatriciais e lesões físicas imprevistas, e, assim, exige cuidados posteriores. O tempo de cicatrização necessário para um piercing no corpo pode variar muito de acordo com o local e a aplicação, indo de apenas um mês para alguns anos, sendo que, casos mais complicados, podem levar à rejeição.

Dessa forma, os piercings são atualmente confeccionados com metais compatíveis ao organismo humano, como metais cirúrgicos – titânio, nióbio, aço e platina – ou bioplásticos atóxicos reconhecidos pela comunidade médica mundial. Seus modelos devem ser anatômicos para cada local (normalmente halter/*barbell* ou argola), considerando comprimento e espessura*.



* O comprimento é fundamental, principalmente para o processo de recuperação; sugere-se inclusive que seja comprado um piercing maior do que o necessário já que a área provavelmente ficará inchada. Já a espessura segue a escala AWG (*American Wire Gauge*), a mesma utilizada para normatizar fios elétricos, na qual números maiores equivalem a diâmetros menores. Costumam variar do tamanho 16 ao 12 (com exceções), sendo o 14 equivalente a cerca de 1,6 mm.

MAS, SÉRIO... NO PINTO?

Piercings que de alguma forma estimulam a uretra, seja durante a masturbação ou relação sexual, podem aumentar a sensibilidade sexual. Além dos registros no Kama Sutra, acredita-se que o uso seja muito mais antigo entre uma série de tribos na Indonésia, que utilizavam ossos pontiagudos na região.

Fernão de Magalhães, famoso por sua volta ao mundo em um navio, documentou em seus diários sobre tribos filipinas:

Tanto os machos jovens quanto os velhos perfuram seus pênis com uma haste de ouro ou estanho do tamanho de uma pena de ganso. [...] Muitas vezes pedi para verem seus pênis, porque eu não podia acreditar! [...] Dizem que as mulheres assim o desejam, e se assim o fizessem não teriam comunicação com elas.

Os piercings genitais foram introduzidos pela primeira vez nos países ocidentais por relatos etnográficos feitos por exploradores no século 19. Em 1897, o explorador holandês Anton Willem Nieuwenhuis documentou em sua viagem por Bornéu que os jovens ganhavam sua plena masculinidade através de um piercing na glândula feito por um procedimento usando bambus.

Semelhante à circuncisão religiosa, a aplicação de um piercing genital pode ser considerada uma “purificação da carne” e um sinal corporal comum aos membros da mesma fé. Entretanto, hoje as razões giram em torno da estética, estando ligadas à expressão individual, à autoestima e à performance sexual. Tem também aquele lado rebelde: quando alguém quer colocar um piercing, mas não é aceito pela família ou pela sociedade ao redor, então, escolhe um local escondido como os genitais para fazê-lo.

Possíveis locais de perfuração na genitália masculina incluem a glândula, a pele do corpo do pênis, o escroto, o períneo, o púbis e, até mesmo, o ânus. Entenda as diferenças entre cada uma:

AMPALLANG E APADRAVYA

Em tribos indonésias, descobriu-se o *ampallang*, a perfuração transuretral da glândula, com origem ritualística na força do chifre do rinoceronte. Antropólogos registraram que a função do *ampallang* é adicionar prazer sexual às mulheres e, na tribo Dayak de Bornéu, as mulheres têm o direito de insistir no piercing e, se o homem não quiser, elas podem buscar a separação. Se for transuretral, é chamado de *ampallang* europeu; se ficar somente na glândula é *ampallang* americano... dá-lhe colonialismo!

O Kama Sutra fala sobre *apadravya*, termo genérico para próteses de aumento peniano durante a relação sexual. A perfuração do lingam (o pênis) com uma *palang* (“barra transversal”, na língua das tribos de Bornéu) é mencionada como uma peculiaridade dos “países do sul”, mas não afirmava sua direção. Acredita-se que foi Doug Malloy que tenha rotulado *apadravya* na vertical e *ampallang* na horizontal.

Sua cicatrização pode levar de 4 meses até 1 ano. Ambos são conhecidos pelo sangramento que pode durar 4 dias e pelo possível desvio da micção, ou seja, da urina sair pelos furos do piercing. “Cruz mágica” é o nome da combinação de ambos. São raríssimas as versões que atravessam o corpo do pênis ao invés da glândula.

O tamanho da halter deve ser decidido com o pênis ereto e, conseqüentemente, com a glândula em sua expansão máxima.

PRINCE ALBERT

Reza a lenda (de Doug Malloy) que o príncipe-consorte Albert (1819-1861) – sim, o marido da Rainha Vitória – colocou um piercing peniano para reduzir o volume de seu pênis nas calças, uma vez que calças apertadas eram estilo no século 19. Com ajuda do piercing, ele conseguia prender o pênis em uma cinta-liga e ainda retraía o prepúcio para mantê-lo higienizado. Hoje, a lenda diz que, na verdade, o príncipe queria deixar sua glândula marcando como ostentação. Acabou que o famoso PA se transformou no piercing genital masculino mais solicitado, mesmo que alguns estudos acreditem que sua origem tenha ligação com a redução da atividade sexual.



A perfuração é feita à direita ou à esquerda do frênuo (em quem possui o prepúcio), com auxílio de um protetor uretral que irá guiar a saída da agulha sem ferimentos. Portanto, o piercing em argola (ou curva) passa pelo furo ventral criado e sai pela uretra. A cicatrização leva de 4 semanas a 5 meses, e pode haver desvio de micção.

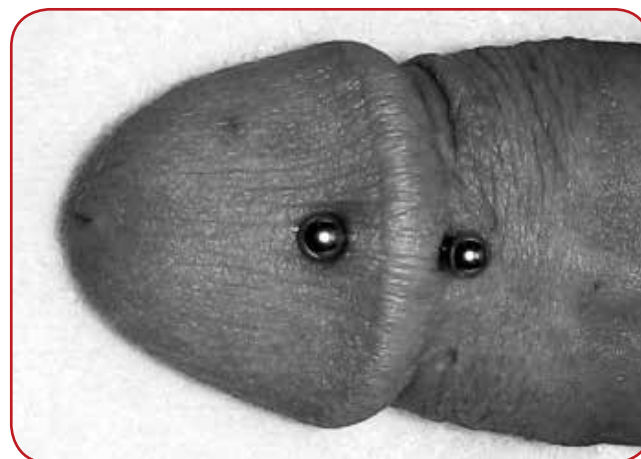
Existe uma variante, o PA Reverso, onde a perfuração é feita em cima (dorsal), ou seja, na glândula, e não ao lado do frênuo.

A lenda do nome e a ideia de um cajado real no meio das pernas levou à criação de joias específicas para substituir a esfera que fecha o piercing. Nesse caso, o PA pode ser chamado de *Cetro Principesco*.



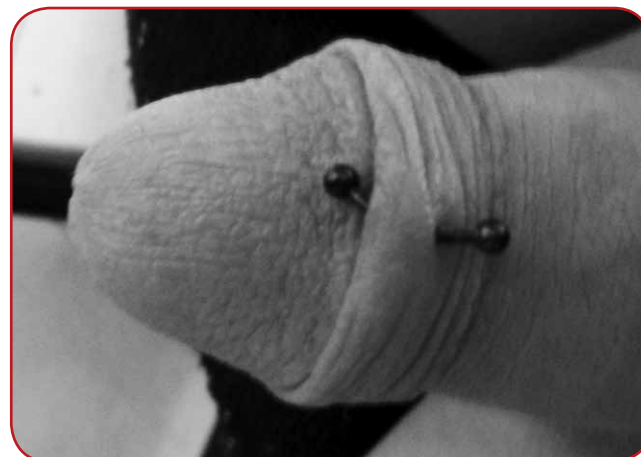
DYDOE

Aplicação feita entre a borda e a coroa da glândula peniana e, por isso, só pode ser feita em homens circuncidados. Especula-se que aumenta a sensação sexual perdida na circuncisão. Sua cicatrização leva, no mínimo, 6 meses, porque não passa pela uretra e, portanto, não tem contato com a urina estéril que reduz os índices de infecção. *Coroa do Rei* é o nome da aplicação de vários dydoes ao redor da glândula, e *Zéfiro* é o nome de uma aplicação profunda do dydoe que, sem atravessar a uretra, fura da borda até o meio da glândula.



PREPÚCIO

Os piercings no prepúcio não são muito comuns porque a pele varia muito em sua elasticidade e podem causar muitos desconfortos, sendo inclusive utilizados como uma forma de castidade. No entanto, também são possíveis de serem feitos em halter ou argola e possuem uma aplicação e uma cicatrização relativamente simples. É chamado de *Kuno* o piercing de prepúcio que simula um PA, ou seja, atravessa a extremidade do prepúcio de forma centralizada.



FRENUM

Aplicado no frênuo da glândula, seja em argola ou halter, foi referenciado pela primeira vez em 1884 na Alemanha: “Entre os timorenses da Indonésia, o freio sob a glândula do pênis é perfurado com anéis de latão... a função do anel é aumentar a estimulação durante o sexo.” Alguns homens circuncidados perdem o frênuo na cirurgia e optam por esse tipo de aplicação para ganhar um novo estímulo. Uma série de piercings aplicados do frênuo à base do corpo do pênis é chamada de *Escada de Jacó*, e pode se juntar a uma sequência lorum, hafada e, até mesmo, guiche. A cicatrização no frênuo pode levar até 5 semanas



HAFADA E LORUM

Hafada é uma aplicação em qualquer área de pele do saco - mas, usualmente, na rafe escrotal (aquela linha que parece separar os testículos). Para não ocorrer desconfortos após a aplicação - uma vez que o saco possui reflexos cremastéricos -, sugere-se ser perfurado um dedo abaixo da base do pênis, levando o nome de *lorum* (abreviação de *low frenum*). A cicatrização pode levar 2 meses.



GUICHE

É uma perfuração horizontal ou vertical localizada na pele do períneo (possível origem no Taiti). Sua cicatrização é bem complicada se o usuário passar a maior parte do tempo sentado. Devido à proximidade com o ânus, uma boa higiene é importante tanto durante o período inicial de cicatrização, que pode levar até 9 meses.



ANAL

É uma aplicação incomum nas pregas anais que necessita dezenas de cuidados com a higiene.



PEROLIZAÇÃO

A prática de inserir permanentemente pequenas contas sob a pele do corpo do pênis parece ter origem na Ásia, onde leva o nome de Sino Birmanês ou Bolitas Filipinas - usadas por marinheiros para agradarem as prostitutas. Além da estética, geralmente se destina a aumentar o prazer sexual do(s) parceiro(s) receptivo(s) durante a relação vaginal ou anal ao criar um relevo subdérmico que dá textura ao pênis. Costuma ter uma cicatrização rápida e baixíssimo índice de rejeição, porém, pode causar desconforto no retorno à atividade sexual.

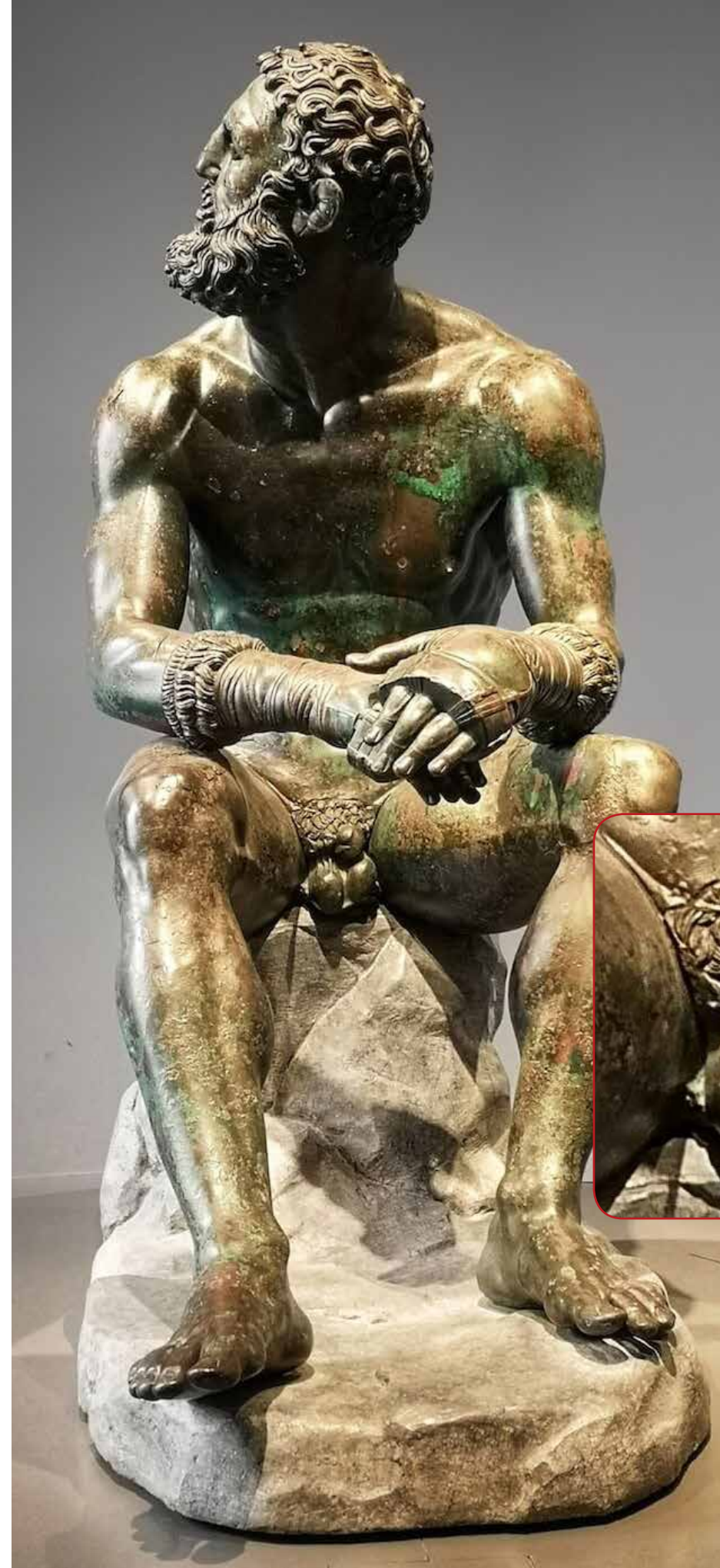


INFIBULAÇÃO

Infibulação é o nome do procedimento que consiste em fechar os orifícios genitais por uma sutura ou piercing a fim de impedir relações sexuais ou evitar ereções e, por isso, chegou a ser usado como prática de castidade. Na Grécia antiga, duas formas de infibulação ficaram conhecidas: a fíbula – um anel de ouro, prata ou bronze com um alfinete de metal no prepúcio – e o *kynodesme* – uma fita de couro que amarrava o prepúcio para impedir a exposição da glândula em público. O problema é que uma simples ereção noturna pode causar um rasgo. Há registros (principalmente em relações BDSM) do uso combinado de um PA acorrentado a um guiche para ancorar a ereção.



Duas amarrações do *kynodesme*: ao redor do prepúcio e conectado a um cinto, ou ao redor do prepúcio e conectado à base do pênis junto com o escroto.



O *Boxeador em Repouso* (também conhecido como *Boxeador Derrotado* ou *Boxeador do Quirinal*) é uma escultura de bronze helenística de cerca de 330 a 50 a.C., encontrado em Roma em 1885, considerada um dos melhores exemplos de esculturas de bronze que sobreviveram do mundo antigo. O realismo impressiona, principalmente pela orelha de couve-flor e pela infibulação em *kynodesme*.



Escolheu o que mais te agrada? Pronto pra fazer? Então, se liga...

8=D Esqueça as formas rústicas e “açougueiras” dos rituais de passagem. Sim, eles ainda existem em algumas culturas, mas, hoje em dia, adornar os genitais é uma Body Art que envolve extremo cuidado e conhecimento técnico. Evite tentativas caseiras de aplicação ou, além de doenças, você pode até mesmo causar uma impotência permanente. Portanto, procure locais que sejam aptos pela Vigilância Sanitária com técnicos comprovadamente certificados. É importante levar um acompanhante não só por questões de saúde emergencial, mas também por questões éticas e de segurança moral em relação à atividade. Aliás, certifique-se sobre as leis do seu país em relação ao piercing. Na maioria dos lugares, somente indivíduos maiores de 18 anos podem tê-lo. Alguns estabelecimentos permitem a presença de um responsável mais velho para realizar a aplicação em menores de idade, mas nem isso costuma ser aceito quando é para os genitais.

8=D Confira no local se o material será todo adquirido por eles, ou se existe a necessidade de comprar a agulha de aço cirúrgico para a perfuração. Muitas lojas de piercing e tatuagem não possuem as agulhas cirúrgicas devido a possíveis complicações legais, mas é possível obtê-las pela internet sem grandes problemas (desde que use um site confiável e que a embalagem do produto esteja lacrada e inviolada). Caso tenha realmente que comprar, informe-se sobre a espessura da agulha, pois ela deve ser compatível à do piercing.

8=D Sugere-se 24 horas, no mínimo, sem qualquer atividade sexual no local, bem como a depilação para facilitar a antissepsia e marcação na área de perfuração. Antes da aplicação, é preciso ficar atento a todos os protocolos de segurança (uso de luvas, apresentação do material lacrado e esterilizado etc.).

Recordista mundial em 2011, o alemão Rolf Buchholz tinha 453 piercings espalhados pelo corpo, sendo 278 piercings na região da genitália.



No término da aplicação, tudo que for passível de descarte deve ser feito sob a supervisão do cliente. Um curativo deve ser colocado no local para não haver contato direto com a cueca.

8=D Durante a primeira semana, toda roupa íntima precisa ser trocada pelo menos duas vezes ao dia e a ingestão de água deve ser intensa (especialmente se o piercing transfixou a uretra) para que os sais da urina ajudem na cicatrização.

8=D Por ser uma região propícia para a acumulação de microrganismos que podem causar reações adversas, a limpeza local deve ser feita de 2 a 3 vezes ao dia, com sabonete líquido antibacteriano. Contudo, nada de banheiras, piscinas ou mergulhos no mar até a recuperação completa! E não vá achando que a limpeza termina quando estiver cicatrizado: a higiene tem que ser frequente!

8=D Evitar atrito local no período cicatricial é importante para a regeneração do local perfurado, portanto... Um mês sem qualquer atividade sexual peniana! Isso significa nada de masturbação, sexo oral ou penetração usando o pinto... mas dedos, línguas, mamilos e várias outras zonas erógenas estão aí para serem explorados. Nos dois meses seguintes, é bom ter um acompanhamento médico e usar preservativos sempre (nada de ultrafinas ou ultra sensíveis que podem rasgar facilmente)!

8=D Considerando que em uma relação sexual SEM piercings podem, às vezes, ocorrer microlesões tanto nas paredes do orifício de penetração quanto no corpo peniano, imagine COM um piercing! E não estou falando somente de penetração vaginal ou anal: ninguém quer cortar a língua, certo? Atos sexuais mais intensos podem, inclusive, arrancar o piercing.

Lembre-se: este é o único pênis que você tem. Trate-o com carinho. **8=D**

NOTA DO EDITOR: Todas as imagens que ilustram os tipos de piercing genital foram retiradas da Wikipedia. A opção pela monocromia foi para reduzir o impacto visual das perfurações.

Felipe

Contar sobre como cheguei ao Príncipe Albert, começa com a minha relação com o meu falo. Cresci acompanhando pornografia e sempre tive um certo desgosto pelo tamanho do meu pau; aquelas inseguranças criadas pelo imaginário e pelas pressões estéticas sócio-culturais...

Minha primeira intervenção genital foi com 27 anos, quando retirei o prepúcio cirurgicamente por uma certa pressão da parceira na época, que “preferia um pênis sem prepúcio, pois fica mais bonito”. Nunca tinha me importado com aquilo nem havia problemas com cheiros, pois aprendi desde cedo a limpar com papel higiênico após o mijo.

A partir dali, perdi muita sensibilidade na glândula, gerando dificuldades para gozar. Dois anos depois, o relacionamento acabou e a insegurança bateu com força. Foi então que decidi adorná-lo para amenizar o que sentia pelo meu pau. Coloquei quatro pequenos halteres na linha do freio em direção a base do pênis e me senti levemente mais confiante: afinal, quem tem piercings que geram textura na hora do sexo?

Passados três anos descobrindo minha bissexualidade, foram raras as vezes que me permiti fazer sexo sem preservativo e nessas percebia que as mulheres sentiam mais prazer. Como foram furos superficiais, na pele, a cicatrização foi bem rápida; mas, por serem halteres muito finos, costumavam incomodar em uma transa mais quebradeira.

No entanto, não me sentia resolvido com o que sentia pelo tamanho do meu pênis. Foi nesse momento que a vontade de colocar um PA ficou mais forte; não havia partido para essa ideia inicialmente, pois tinha medo de furar a uretra, medo da dor, etc.

Em questão de poucos dias marquei, pois se fosse pensar demais, o medo falaria mais alto. Achei que era muito metal para um pau com



o tamanho do meu, então, tirei os halteres e os furos não duraram por muito tempo: fecharam e já nem é possível identificar bem onde estavam.

O procedimento não foi simples, mas deu certo. Nos três dias seguintes, andei com absorvente, mas logo depois, nas primeiras horas, senti o absorvente pesar, e, ao higienizar, quase morri de ver aquele sangue no meu pau! Hoje eu dou risada!

Passei um bom tempo com o piercing da aplicação, que era mais fino, mas me incomodava um pouco nas primeiras vezes que transei. Depois descobri que, quanto mais espesso, melhor para a cicatrização e menos incômodos. Troquei a peça pelo a que uso até hoje (higienizando com uma frequência alta).

Hoje vejo o piercing como uma extensão do meu pau, um adorno que me gera um certo conforto ao olhar para o tamanho total peniano. Ele mudou o formato da glândula e acho esteticamente lindo! Mas, ao longo desse tempo, tenho entendido mais sobre pressões de tamanho de pênis e aceitado mais meu corpo do jeito que ele. É um processo lento e reconheço que o piercing ajudou a aceitá-lo um pouco mais. **8=D**

Fotos do leitor: na primeira, é possível ver que ele se depilou para fazer a aplicação.

Marcos

Os meus piercings, as tattoos, meu cabelo, meu corpo... são uma forma de expressão, formando um combo de quem eu sou e como quero ser visto, não só esteticamente, mas também da minha personalidade.

Acho piercing é uma arte subversiva. Gosto dessa capacidade de contestar os padrões, as regras e os tabus. Essa subversão me dá muito tesão. Sempre que colocava um novo, minha mãe falava: “Ah, por que não coloca um lá?”. Resolvi botar, mas esse ela não viu, claro! Hahaha. Embora seja brincadeira, acho que tem um pouco disso. Creio que as pessoas têm curiosidade e tesão pela rebeldia.

Antes da aplicação, eu estava um pouco ansioso, pois não considero somente uma perfuração estética: trato tudo como um ritual. Pesquisei bastante sobre cuidados, origem, possíveis problemas para me dar segurança, mas também deu aquele frio na barriga. Como já tinha feito outras aplicações, procurei “meu” body piercer de confiança.

Optei pelo *lorum*. Como o saco relaxa e contrai, foram necessárias várias marcações. O profissional olhava se estava alinhando com o pau, se estava reto, se ia ficar bonito. Bota pau pra cima, bota pra baixo, fica em pé, deita... foram uns 15 minutos assim. Eu não ligo muito de mostrar o pau (de uns tempos pra cá, venho lidando melhor com isso), mas fiquei lutando com o meu constrangimento, porque, devido à situação o meu pau ficou muito pequeno, como quando entramos na água gelada. Passado isso, deitei na maca e ele fez a perfuração. Tolero super bem a dor, então, foi muito tranquilo.

Depois da perfuração, começou a dor local, queimação, inchaço... coisas normais de piercing. O problema é que o piercing genital está quase sempre em contato com algo... cueca, saco, pau, calça, sunga, mão, cu (hehe) por isso incomoda mais. É meio chato.

Nas relações sexuais, tem que ter um certo cuidado. Às vezes bate em algo ou preservativo pega bem em cima. Já tive que parar no meio por ter machucado, ou deixado de transar porque, do nada, inchou e ficou doendo. Contudo, o tesão que sinto em ver quando as pessoas curtem ou falam “que lindo!” é algo surreal: vale cada incômodo! Às vezes também marca na roupa (principalmente sunga) e acho um tesão! Penso em colocar outros, talvez no períneo, que dizem aumentar a sensibilidade, ou mais pra baixo ou pra cima desse.



Leroy

O piercing genital sempre foi algo que me despertava interesse e curiosidade (desde nem sei quando). Até mesmo comecei a trabalhar como body piercer, o que trouxe de volta essa minha curiosidade pelos piercings genitais e abriu a minha mente para possibilidade de fazer.

Nós acabamos por nos privar do que queremos por puro preconceito e falta de conhecimento. Nesse processo de reconhecimento dessa vontade de me adornar, como acontece com vários piercings, acabou por mudar minha relação comigo mesmo no quesito sexualidade. Pude me sentir mais confiante e livre sexualmente. Acaba sendo uma forma de autoaceitação, de libertação.

Já tinha um piercing no mamilo e, então, em 2018, fiz o primeiro genital: um *lorum*. Depois acabei fazendo um guiche que me ajudou a me liberar ainda mais, já que (reza a lenda) ele altera sensações sexuais no homem pela proximidade externamente com a próstata.

Façam e descubram!



noisy
rain
gay art magazine
FOR ARTISTS AND ART LOVERS



WWW.NOISYRAIN.COM

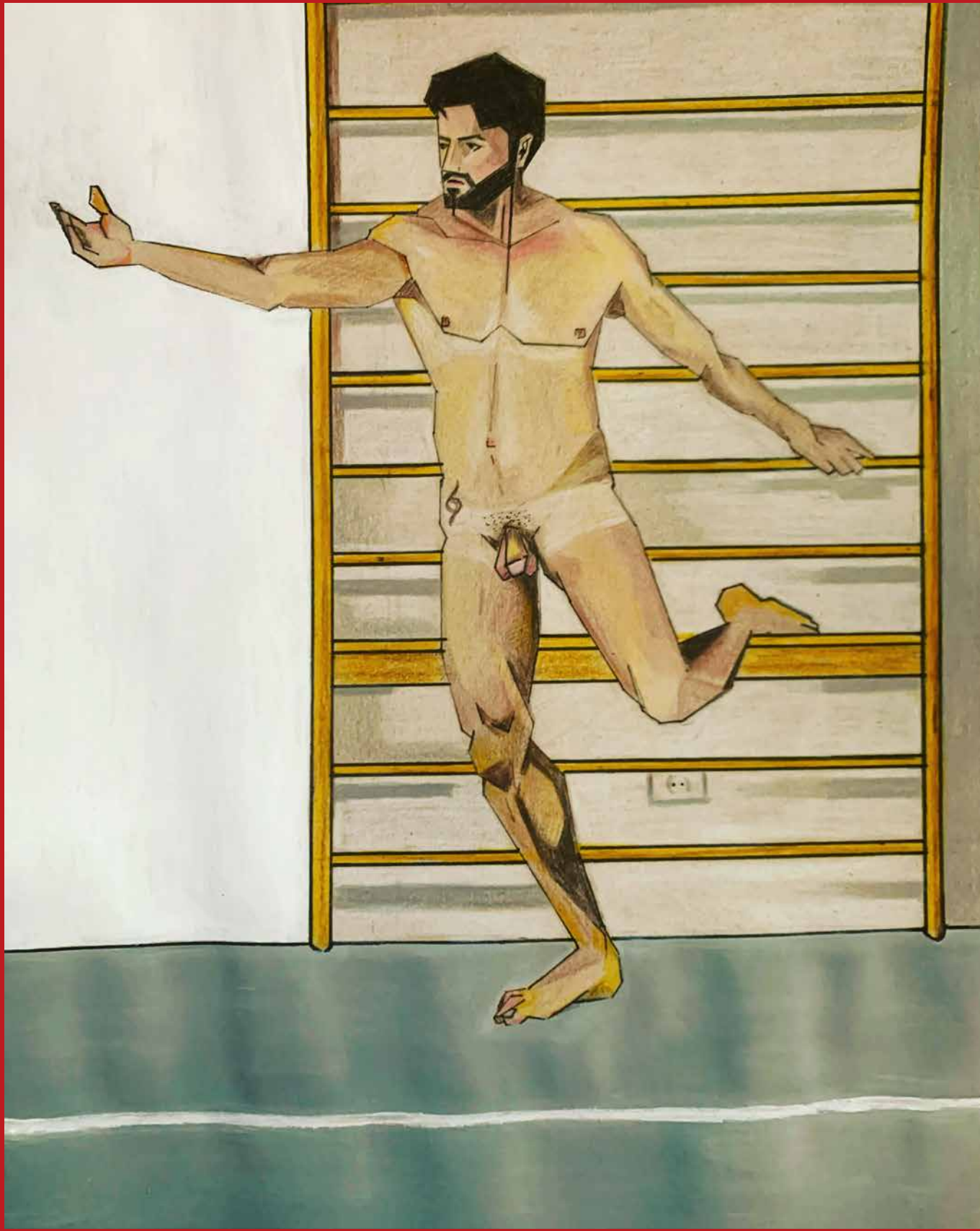
THE SPEEDO MOVEMENT



Agora com a ajuda
de um guru de
cuecas: o **TSM**
Underwear Guru!



arte: @matesart



A nudez na escultura funerária paulista: Múltiplas representações da masculinidade burguesa

de Maristela Carneiro (2014)

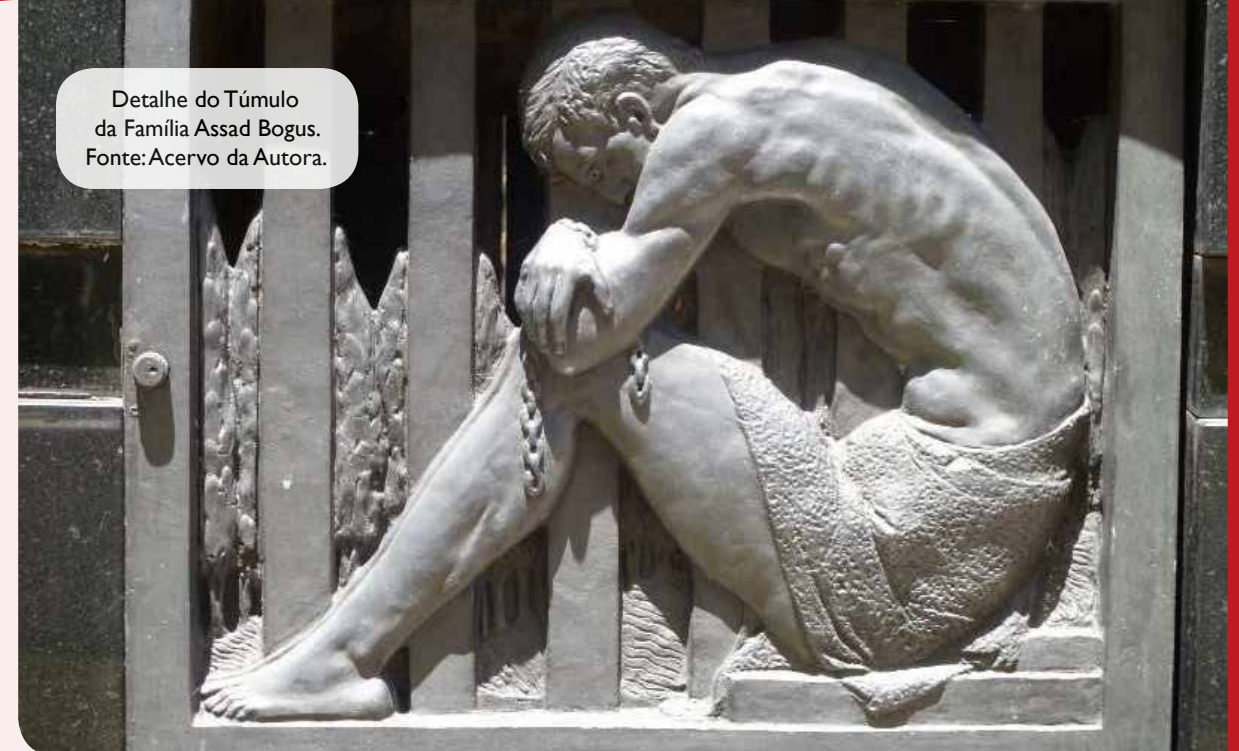
Esse artigo traz um recorte bem definido: as representações do nu e do seminu masculino na composição da arte funerária paulista, a partir do acervo artístico de três cemitérios da cidade de São Paulo (Consolação/1858, Araçá/1897 e São Paulo/1926). Contudo, ele começa com uma interessantíssima definição de nudez e, principalmente, da masculinidade, que senti necessidade de reproduzir, em parte, aqui:

A definição de nudez que orienta este trabalho está além da simples condição da ausência ou do desproimento de vestes de um corpo. A nudez é um discurso representacional que se encontra ancorado em estratégias e convenções sociais. Podemos encontrar o termo nudez sendo utilizado literal ou metaforicamente, algumas vezes como não vestido ou despido, em outras destituído ou privado, até mesmo sem disfarces ou sinônimo de sinceridade, sem deixarmos de lado a sugestão erótica que muitas vezes se associa à interpretação da nudez. [...]

O corpo na arte, tanto na literatura, quanto nas artes visuais, é sempre um corpo-representação, um corpo imaginário que revela narrativas que objetivam conceder sentido aos corpos reais. As várias representações do corpo imaginário indicam negociações no que dizem respeito ao discurso do corpo, às relações e normas sociais, e mesmo aos valores de determinada sociedade.



Capa do livro com artigos originalmente apresentados no VII Colóquio História e Arte – Objetos do Olhar, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense e pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro em novembro de 2014.



Detalhe do Túmulo da Família Assad Bogus. Fonte: Acervo da Autora.

A masculinidade não é um caractere biológico, assim como não o é a feminilidade. Trata-se do “fazer-se homem”, ou seja, um processo individual/social que se realiza na cotidianidade espacial da construção de gênero como um elemento identitário primordial das relações humanas. A concepção dos elementos típicos e/ou necessários concernentes ao “ser homem” é algo construído, e ao mesmo tempo relacional.

Em seguida, o artigo começa a apresentar informações sobre a criação dos cemitérios paulistas em busca de uma modernidade já intencionada. Entende que “cada uma das estátuas é imbuída de narrativas e carrega uma gama de motivações estéticas, linguísticas, plásticas, históricas, as quais demandam uma categorização específica”. O detalhamento da metodologia é importante para validar o artigo e nela encontrou-se quatro categorias de imagens:

1. Imagens de Cristo (sempre seminu, mas leia mais sobre isso na edição 20).
2. Representações associadas à sensibilidade, através de figuras masculinas curvadas, em posição pranteadora e com uma atitude resignada.
3. Representações da masculinidade viril, do homem provedor, associadas ao mundo do trabalho com atributos que remetem à atuação profissional.
4. Elementos narrativos, nas quais as figuras masculinas nuas se colocam como personagens de um enredo mais amplo.

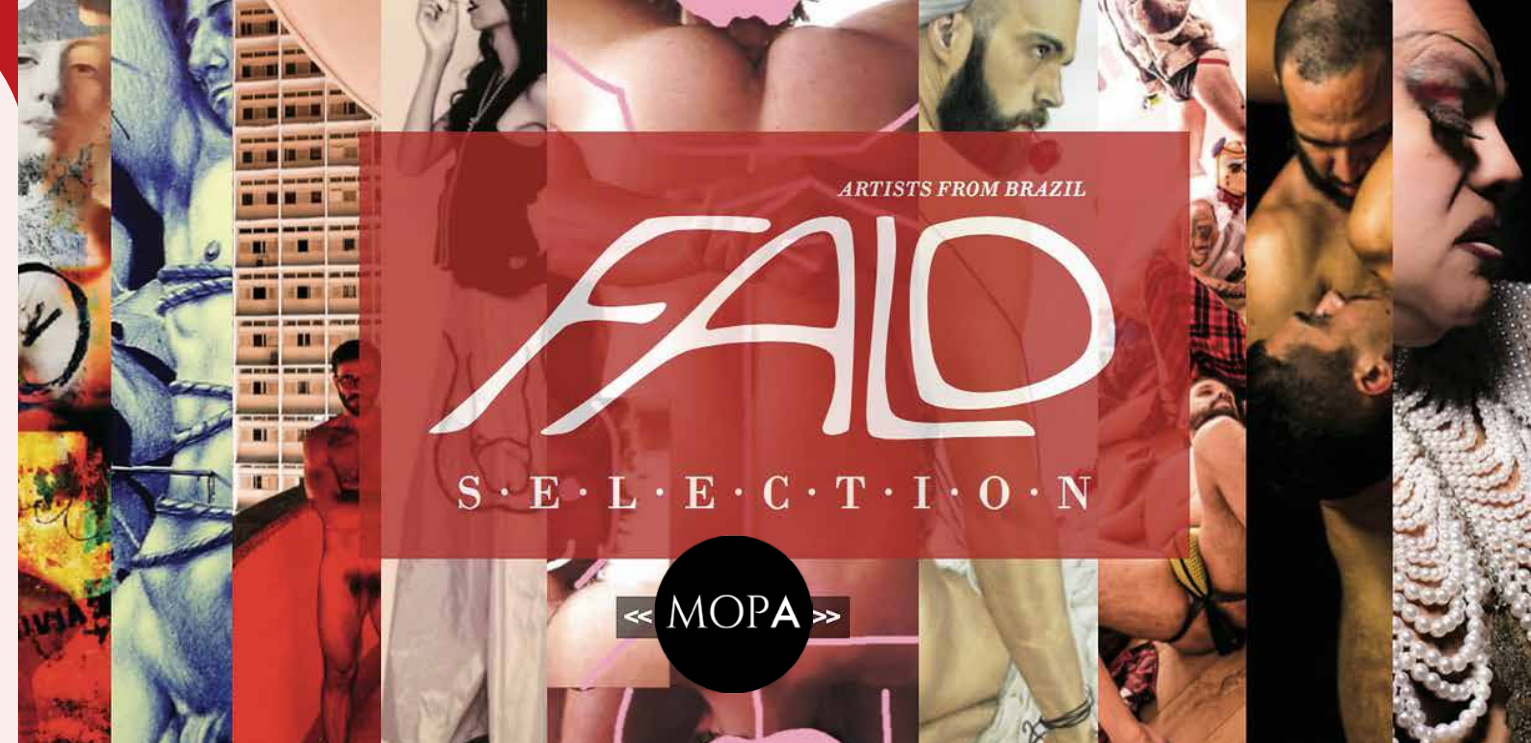
É interessante pensar na segunda categoria de imagens, aquelas que mostram que a sensibilidade perante a morte não é de exclusividade feminina. Contudo, a autora esclarece que as imagens da terceira categoria, da masculinidade viril, são as mais frequentes para o ideal de “ser-homem” no mundo burguês da época.

Outros critérios foram utilizados, como, por exemplo, retrato do falecido ou alegoria/narrativa, e a exposição das partes do corpo (simultânea ou isolada do tronco, dos membros, da genitália e/ou das nádegas) em nudez ou seminudez, dependendo da presença ou ausência de vestes e panejamentos.

Infelizmente, o artigo tem pouquíssimas imagens e não revela claramente se há alguma representação masculina realmente nua, seja de frente ou de costas. Considerando o próprio discurso da autora sobre o cemitério ser “um reflexo do ambiente urbano e portador dos valores morais que determinam a interpretação dos comportamentos sociais e culturais da sociedade paulista da época” e mesmo que ela acredite que os espaços funerários “permitem a expressão e reconhecimento de outros tipos de valores culturais e sociais que fogem ao controle do pensamento burguês conservador da época ou mesmo são renovados por este pensamento”, acho muito difícil a presença real de um corpo completamente nu em um cemitério brasileiro.

Algumas questões que ela deixa em suas considerações finais aguçam a vontade de saber mais (ou até mesmo de visitar cemitérios com um olhar bem específico). Todavia, essas questões mostram também que o próprio artigo é somente um esboço, um início, uma abertura. **8=D**

Estátua em pedra de dois homens nus (séc. 19), localizada no cemitério Neuilly, em Puteaux/Nanterre, França. Atribuída ao escultor francês Auguste Mailland.



9 Brazilian artists | 100 pages | 21 x 14.8 cm | Soft Cover







O poder dos Toys

A tecnologia molda nossas vidas e as mudanças no comportamento sexual associadas ao universo tecnológico tendem a acontecer ainda mais. Robôs projetados para o nosso prazer já circulam no mercado e há até casos de pessoas que casaram com uma dessas máquinas. Dispositivos como óculos de realidade virtual e vibradores que simulam o movimento da língua também chegaram com tudo.

Ainda assim, beijo, beijinho, beijaço, abraço, cheiro, lambida, mordida, toque, carinho, pegada, sorrisos, falar putaria, cochichar insanidades... Todas essas coisas só são possíveis entre um ser humano e outro(s), logo brinquedos não substituem o prazer de um encontro sexual. Brinquedos sexuais não substituem seres humanos!

Contudo, eles são excelentes para:

- 1 - ampliar as possibilidades de prazer favorecendo o conhecimento do corpo e da própria sexualidade
- 2- Incrementar o prazer do casal melhorando a comunicação
- 3- Trazer novidade para a rotina sexual
- 4- Expandir as possibilidades de prazer para além dos genitais
- 5- Quando usados sob orientação de um profissional ajudam a pessoa a lidar com traumas e disfunções sexuais

Anel peniano: um clássico!

Apesar da popularidade desse acessório, antes de ser um brinquedo, ele é um recurso médico. O objeto é indicado, por

exemplo, para casos de disfunção erétil ocasionada por “fuga venosa” – uma espécie de falha no mecanismo fisiológico responsável por impedir a saída de sangue do pênis no momento da ereção e em casos de ejaculação precoce. A principal finalidade do anel é a de retardar a ejaculação promovendo uma ereção mais firme e prolongada.

É interessante treinar individualmente antes de fazer o uso no encontro sexual. Como existem diversas versões com texturas diferenciadas (metal, couro, silicone, com vibrador...) e o diâmetro precisa ser apropriado para o pinto da pessoa, é preciso muito cuidado. Sem critério, o anel pode trazer problemas à vascularização do pênis que podem acarretar em lesões com feridas, necrose, fibrose ou até danos à uretra.

É importante usar lubrificante para diminuir o atrito do anel com a pele do pau e lembrar sempre que esse acessório não deve ser usado por um tempo muito prolongado. Indica-se que a cada período de 20 minutos de uso, o anel seja removido e o local massageado para favorecer a circulação do sangue.

Plugs e dilatadores

A ansiedade no desempenho sexual, seja com um cara aleatório do aplicativo, seja com um namorado, pode ser um dos fatores que menos ajudam a relaxar a musculatura anal. É aqui que entram os dilatadores anais.

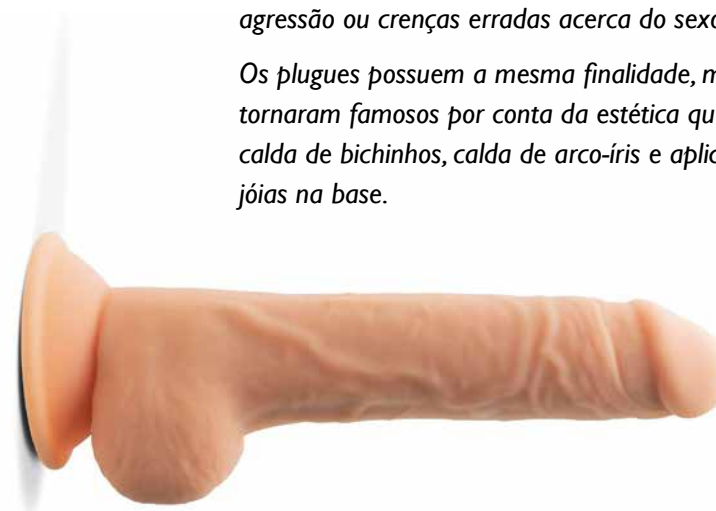
Eles ajudam nas preliminares e tornam mais cômoda a penetração por



possuírem tamanhos gradativos e diferentes numa mesma haste que facilitam o relaxamento do ânus.

Muitas vezes o desconforto na região é ocasionado por fatores psicológicos e emocionais como em consequência de traumas envolvendo abuso/agressão ou crenças erradas acerca do sexo.

Os plugues possuem a mesma finalidade, mas se tornaram famosos por conta da estética que envolve calda de bichinhos, calda de arco-íris e aplicações de jóias na base.



Dildos e vibradores

O maior cuidado aqui é com o tamanho.

Os dildos são artefatos usados desde culturas antigas. Eram feitos provavelmente de madeira e de pedra, já imaginou?

Os atuais são produzidos com vinil ou silicone, imitam um pinto, possuem tamanhos e formas variadas e oferecem uma penetração prazerosa.

Os vibradores são os queridinhos principalmente das pessoas com vagina já que estimulam as zonas erógenas para produzir sensações excitantes e atingir o orgasmo (coisa que muitas pessoas com pênis não conseguem proporcionar para seus pares com vagina).

Além disso, o vibrador pode auxiliar na tonificação dos tecidos vaginais, estimular a lubrificação, ajudar na percepção de zonas erógenas, reduzir o risco de atrofia local, combater dores de cabeça e insônia e ainda atuar nos sintomas da depressão e da menopausa.



Acessórios de Sadomasoquismo

Nem só de penetração vive o sexo e é aqui que os acessórios de sadomasoquismo se destacam. Chicotes, algemas, mordaca, cinto de castidade, cueca e calcinha de castidade, harness, jockstrap, legging de látex, máscaras de couro ou látex, coleiras, colares...

Os 50 tons de cinza é seu... crie o que mais te despertar vontade e desejo.

Segurança

Ao adquirir um brinquedo erótico, é importante analisar sua segurança. Nem todos os produtos existentes no mercado possuem certificações de qualidade. Por isso, verifique este ponto antes de comprar um produto que estará em contato íntimo com você.

A saúde deve estar em primeiro lugar!





moNumento

benfeitoria

SEJA MAIS SEJA UM COLABORADOR!

www.benfeitoria.com/falomagazine

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais**!

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês

VIP DA FALO

R\$20 / mês

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Alexandre Teixeira, Edgar Silva, Felipe Natali, Orlando Amorim, DUOCU, Fabio Ibiapina, Giovanni Ravasi, Luiz Gustavo Silva, Marcelo Reider, Silvano Albertoni e benfeitores anônimos.



Modelo: Edgar. Foto: Autorretrato.





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

